

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

DANIELA PEREIRA DE ALMEIDA RUAS

**INVESTIGAÇÃO PROSÓDICA NA (DES)ORGANIZAÇÃO DA FALA DISÁRTRICA
DE RA**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2015

DANIELA PEREIRA DE ALMEIDA RUAS

**INVESTIGAÇÃO PROSÓDICA NA (DES)ORGANIZAÇÃO DA FALA DISÁRTRICA
DE RA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa:

Orientadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Coorientadora: Profa. Dra. Vera Pacheco

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2015

Ruas, Daniela Pereira de Almeida.

R822i Investigação prosódica na (des)organização da fala disártrica de RA / Daniela Pereira de Almeida Ruas, 2015.
97f. : Il.; algumas col.

Orientador (a): Nirvana Ferraz Santos Sampaio.
Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2015.
Referências: f.88-91.

1. Neurolinguística discursiva. 2. Disartria – Linguagem oral. 3. Linguagem – Patologias. I. Sampaio, Nirvana Ferraz Santos. II. Universidade Estadual Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. T.

CDD: 616.855

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana – CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Prosodic investigation in the (dis) organization of the dysarthric speech of RA

Palavras-chave em inglês: Subject. Neurolinguistic Discourse. Language. Prosody. Dysarthria.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB); Profa. Dra. Vera Pacheco (Coorientadora-UESB); Profa. Dra Carla Salati Almeida Ghirello Pires (UESB); Profa. Dra Evani Andreatta Amaral Camargo (UNICAMP)

Data da defesa: 23 de fevereiro de 2015

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

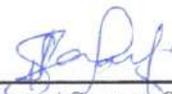
DANIELA PEREIRA DE ALMEIDA RUAS

INVESTIGAÇÃO PROSÓDICA NA (DES)ORGANIZAÇÃO DA FALA DISÁRTRICA
DE RA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 23 de fevereiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)
(Orientadora)



Profa. Dra. Vera Pacheco (UESB)
(Coorientadora)



Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello Pires (UESB)



Profa. Dra. Evani Andreatta Amaral Camargo (UNICAMP)

*Ao ECOA,
Amigos que nos fortalecem
a cada encontro,
a cada sorriso,
a cada conquista.
Aos laços,
que juntos construímos...
Dedico.*

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, agradeço em primeiro lugar, o único que é digno de receber toda honra e glória, por tudo o que fez e faz em minha vida. É assim que declaro a minha gratidão, a **Ti**, meu **Deus**, por ter me concedido a graça de chegar até aqui e por ter me capacitado a cada momento, pois se alcancei essa vitória é porque os seus sonhos se concretizaram em minha vida. Obrigada meu **Deus** por tudo!

À **UESB**, e em especial ao **PPGLin**, por nos permitirem, como alunos, fazermos parte desta instituição que abre as portas para o conhecimento.

À **Prof^a. Dr^a. Nirvana Ferraz Santos Sampaio**, minha orientadora, por acreditar em mim, desde a Iniciação Científica, me incentivando a sempre ir mais longe. Obrigada pelas orientações, correções, ao tempo dedicado a me conduzir por esse caminho. Muito obrigada pelo convívio, paciência e amizade!

À **Prof^a. Dr^a Vera Pacheco**, por ter aceitado o desafio de me coorientar e dedicar parte do seu tempo a realizar esse sonho, que, com a sua ajuda e empenho, tornou-se mais belo e encantador. A sua paciência foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Sou grata, também, por compor minha banca de qualificação, com sugestões e pontuações de grande relevância.

À **Prof^aDr^aCarla Salati Almeida Ghirello-Pires**, por sempre disponibilizar o seu tempo e conhecimento nos momentos de dúvidas. Obrigada por ter aceitado o convite e participar da minha banca de qualificação, orientando e sugerindo pontos de grande importância para o aperfeiçoamento desta dissertação.

À **Prof^a Dr^a Evani Amaral Andreatta Camargo**, por ter aceitado o convite para participar da banca examinadora desta dissertação, nos prestigiando com suas contribuições e avaliação;

Aos **demais professores** do **PPGLin**, por terem compartilhado o conhecimento em cada disciplina ministrada.

À **CAPES**, pelo apoio financeiro durante o curso.

A **Jonathan**, secretário do Mestrado em Linguística, por sempre atender e resolver nossos problemas de imediato. Sempre com dedicação e bom humor, tornou-se um grande amigo, suportando nossas angústias e ouvindo nossas aflições.

Ao grupo **ECO A**, amigos, que juntos formam uma família, compartilham as dificuldades e festejam alegrias e conquistas. E, em especial a **RA**, que se disponibilizou e

aceitou o convite para participar do ECOA, e nos permitiu estudar e compreender a sua linguagem em funcionamento.

Ao **grupo de investigadoras do Lapen**, pelos momentos que juntos vivenciamos, pelos conhecimentos adquiridos e desafios alcançados. Em especial à **Lucélia, Tamiles e Kátia**, pela cumplicidade nos momentos de ansiedade e pelas dores compartilhadas.

Aos **colegas de graduação em Letras**, amigos que passaram em minha vida, mas que sempre estarão presentes em meu coração, pois mesmo seguindo caminhos diferentes, sempre torcemos uns para os outros, para alcançarmos nossos objetivos acadêmicos.

Aos **colegas do Mestrado em Linguística**, amigos que seguiram seus caminhos rumo à escrita de suas dissertações, cujos desafios eram compartilhados em meio aos encontros pelos corredores. Agradeço pelos sorrisos sinceros, palavras de conforto e momentos de alegria. Agradeço em especial à **Mayara**, amiga, companheira, que mesmo distante se faz presente; à **Lucélia, Tássia, Jaque** amigas que sempre estarão em minhas lembranças.

À **minha família**, recebam minha eterna gratidão... Pois nunca mediram esforços para que eu alcançasse mais essa conquista em minha vida. Conquista esta, que foi construída a cada dia, vencendo etapas e desafios.

Aos meus pais, **Orlando e Maria**, carinho que sempre me conduziram aos bons caminhos.

À minha tia **Vilma**, que me ensinou a ser a pessoa que sou hoje e a dar valor às coisas simples ao nosso redor. Graças ao seu exemplo de vida, sua paciência e maneira de ser que me incentivaram a conquistar os meus sonhos com zelo e dedicação.

Aos meus avós, e em especial a **vó Preta**, que sempre me apanharam no colo com a leveza de uma criança.

À minha irmã **Delma** e primas **Jack e Manu**, companheiras para toda hora.

Ao meu marido, amigo, companheiro **João Marcos**, que faz meus dias mais felizes e suaves com seu amor e dedicação em todos os momentos. Obrigada pelas palavras de incentivo e por sempre acreditar em mim.

Aos meus sogros, **João e Selma**, e toda a sua família, que cuidam de mim com todo amor e carinho, durante os momentos de estudos e preocupações.

Às minhas sobrinhas, **Lara e Júlia**, que tornaram esses dias mais suaves, com sorrisos que me alegram e me fazem esquecer, mesmo que por um instante, as inquietudes de cada dia.

À **Iva**, que mesmo longe se faz presente com a lembrança de seu sorriso e enorme coração de amiga. Por ter acreditado neste projeto quando ainda era uma semente a ser plantada.

A **todos** aqueles que, de alguma forma, estiveram e estão ao meu lado, fazendo tudo isso valer a pena, e que, direta ou indiretamente, contribuíram para que tudo isso acontecesse.

E prossigo agradecendo a **Deus**, pois por suas mãos conquistei e conquistarei sonhos que ainda nem posso imaginar.

Não é necessário detalhar o fato de que a língua [linguagem] invade e é invadida por outros campos, dado que é evidente que ela está presente de muitas maneiras e com muitas finalidades nas mais diversas situações da vida dos homens.
(POSSENTI, 1993)

RESUMO

Esta dissertação surgiu a partir do interesse em investigarmos a linguagem oral em funcionamento em um sujeito disártrico, por meio de um acompanhamento longitudinal. O sujeito em questão, RA, foi vítima de um acidente automobilístico aos 28 anos de idade, permanecendo em coma por 27 dias, devido a um traumatismo craniano, apresentando, com isso, a disartria como sequela. Para o desenvolvimento deste estudo, lançamos mão dos conhecimentos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva (ND), um campo recente na Linguística, que se interessa em estudar a relação linguagem-cérebro, buscando analisar a linguagem em funcionamento em sujeitos que apresentam patologias de linguagem; e dos conhecimentos Fonéticos e Fonológicos sobre ritmo, duração, pausa, velocidade de fala, estrutura silábica, dentre outros que podem nos auxiliar na compreensão dos distúrbios prosódicos da fala de RA. Para o acompanhamento longitudinal, selecionamos atividades que têm como objetivo inserir o sujeito disártrico em situações dialógicas que fazem sentido para ele no seu dia-a-dia. Dessa forma, a ND entende o sujeito disártrico como um produtor de discurso, o que o habilita a se inserir em práticas verbais utilizando, também, processos linguísticos de significação para estabelecer a linguagem. RA, devido à velocidade de fala, produz um número excessivo de pausas, causando, assim, alterações prosódicas, o que interfere de forma significativa no ritmo de sua fala. A partir disso, surge a seguinte pergunta: Em que medida a disartria afeta o padrão rítmico da fala de RA? Quais aspectos prosódicos podem ser alterados na fala desse sujeito e como o investigador pode intervir para ajudar na reorganização rítmica da fala de um sujeito disártrico? A fim de respondermos tais perguntas, defendemos a hipótese de que a disartria afeta a linguagem oral em funcionamento do sujeito RA, especificamente o padrão rítmico, a saber, o excesso de colocação de pausas e a alteração na duração sintagmática, tornando a fala acelerada. Com base nessa afirmação, apresentamos como objetivo investigar aspectos linguísticos da linguagem oral em funcionamento no sujeito disártrico RA, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da ND. Além disso, é nosso objetivo avaliar a organização rítmica da fala de RA, a fim de direcionar a intervenção do investigador em prol da reestruturação da linguagem nesse sujeito. Enfatizamos que o ponto mais afetado na fala de RA é a prosódia, quando há alteração no ritmo, na velocidade e na colocação de pausas, comprometendo, assim, a estrutura silábica, sendo alterada a produção das consoantes e das vogais, devido ao aumento da velocidade, o que faz com que haja alteração na duração desses segmentos e na dos sintagmas.

PALAVRAS-CHAVE

Sujeito. Neurolinguística Discursiva. Linguagem. Prosódia. Disartria.

ABSTRACT

This dissertation arose from the interest on investigating the languageoral in functioning of a dysarthric subject through a longitudinal follow-up. The analyzed subject, RA, suffered an automobile accident when he was 28 years old, falling into a coma for 27 days due to a head injury, presenting, therefore, dysarthria as sequel. To develop this study, we used the theoretical and methodological knowledge of Neurolinguistic Discourse (ND), a recent field of the Linguistics, which is interested in studying the relation language-brain, trying to analyze the operation of the language on subjects that show language pathologies; and we use Phonetic and Phonological knowledge on rhythm, duration, pause, speech rate, syllable structure, among others that can help us in understanding the prosodic speech disorders of RA. To develop a longitudinal follow-up, we selected activities that aim to insert the dysarthric subject in dialogical situations that make sense to him in his day-to-day. Thus, the ND understands the dysarthric subject as a speech producer, fact that enables him to insert himself into verbal practices, using linguistic processes of significance to establish the language. RA, due to the speech rate, produces an excessive number of pauses, thus causing prosodic changes, which significantly interfere with the rhythm of his speech. From this, the following question arises: To what extent does the dysarthria affect the rhythmic pattern of RA speech? Which prosodic aspects can be changed in this subject speech and how the researcher can intervene to help rhythmic reorganization of speech in a dysarthric subject? In order to answer such questions, we defend the hypothesis that dysarthria affects the oral language functioning of the subject RA, specifically the rhythmic pattern, namely, the excessive placement of pauses and the change in syntagmatic length, causing a fast speech. Based on this assessment, we have as objective to investigate linguistic aspects of the oral language functioning in the dysarthric subject RA, from the theoretical and methodological assumptions of ND. Furthermore, it is our objective to evaluate RA speech rhythmic organization, in order to direct the work of the researcher towards restructuring language in this subject. We emphasize that the most affected point in RA speech is the prosody, when the rhythm, the speed and the placement of pauses are altered, thus compromising the syllable structure, changing the production of the consonants and the vowels due to the increased speed, which causes a change in the duration of these segments and syntagmas.

KEYWORDS

Subject. Neurolinguistic Discourse. Language. Prosody. Dysarthria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação das relações associativas	28
Figura 2 - Unidades Funcionais	41
Figura 3 - Organização Hierárquica dos Constituintes Prosódicos	55
Figura 4 - Imagem espectrográfica e sua respectiva forma de onda da palavra capacete realizada por duas vezes por RA separadas por pausa.....	74
Figura 5 - Imagem espectrográfica e sua respectiva forma de onda do sintagma “numa estrada deserta” realizado por RA	75
Figura 6 - Imagem espectrográfica e sua respectiva forma de onda do sintagma “todos os problemas” realizado por RA.....	77
Figura 7 - Imagem espectrográfica e respectiva forma de onda do enunciado “envergonhado por natureza” realizado por RA	81
Figura 8 - Representação arbórea de eliminação do [ɣ] de coda na sílaba [vey] da palavra envergonhados realizada por RA	81
Figura 9 - Imagem espectrográfica e respectiva forma de onda do enunciado “deu de cara” realizado por RA	82
Figura 10 - Imagem espectrográfica e respectiva forma de onda do enunciado “estrada deserta” realizado por RA	83
Figura 11 - Representação arbórea de eliminação do [r] de ataque ramificado na sílaba [tra] da palavra estrada realizada por RA	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Exemplos de situações das falas de RA em que observamos a inserção de pausa reparadora e suas respectivas durações.....	73
Tabela 2 - Exemplos de situações das falas de RA em que observamos a inserção de pausa separadora de constituintes sintagmáticos e suas respectivas durações.....	74
Tabela 3 - Duração total das palavras produzidas antes e depois das pausas reparadoras de constituintes sintagmáticos	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sobre o fim de semana.....	64
Quadro 2 - Fragrâncias Importadas.....	66
Quadro 3 - gastar → acabar	67
Quadro 4 - levado → jogado.....	69
Quadro 5- Análise comparativa da localização de inserção de pausas feitas por RA e JM durante a leitura de um parágrafo	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Número de pausas realizadas por RA e JM na leitura de um parágrafo	71
Gráfico 2 - Duração média das pausas reparadoras (PR) e das pausas separadoras de constituintes sintagmáticos (PSCS)	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AVC - Acidente Vascular Cerebral
- C – Consoante
- CCV – Consoante, Consoante, Vogal
- CEP – Comitê Ético de pesquisas
- CV- Consoante, Vogal
- CVC - Consoante, Vogal, Consoante
- EOA - Espaço de Convivência entre Afásicos e não-Afásicos
- Idp- Sigla do investigador
- IEL – Instituto de Estudos da Linguagem
- JM – Sigla do nome do sujeito não disártrico
- LAPEFF - Laboratório de Pesquisa em Fonética e Fonologia
- LAPEN - Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística
- ND – Neurolinguística Discursiva
- N, P e L – Siglas dos sujeitos em estudo de caso por Coudry (1986)
- PPGLin - Programa de Pós-Graduação em Linguística
- PR – Pausa Reparadora
- PSCS – Pausa Separadora de Constituintes Sintagmáticos
- RA- Sigla do nome do sujeito disártrico
- S - Segundos
- s.d. – Sem ano de publicação
- SNC – Sistema Nervoso Central
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
- UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
- UTI - Unidade de Tratamento Intensivo
- V - Vogal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1: LINGUÍSTICA	23
1.1 Linguística e Neurolinguística	23
1.2 Linguagem: Língua e Fala	24
1.3 Relações sintagmáticas e Relações associativas	27
CAPÍTULO 2: NEUROLINGUÍSTICA	29
2.1 O interesse pelo estudo da linguagem no cérebro	29
2.2 Sobre os estudos Neurolinguísticos	31
2.3 Pontos de reflexão e aspectos teórico-metodológicos na Neurolinguística Discursiva	32
2.3.1 Subjetividade na Linguagem Patológica	36
2.3.2 A Dinâmica do Sistema Nervoso Central proposta por Luria (1981) e a reorganização cerebral	40
CAPÍTULO 3: DISARTRIA	45
3.1 Disartria: uma patologia de linguagem	45
3.2 Prosódia	47
3.2.1 Prosódia e a origem de seus estudos	48
3.2.2 Fenômenos prosódicos dentro do sistema linguístico	49
3.2.3 A prosódia dentro dos estudos fonéticos e fonológicos	50
3.3 Ritmo	55
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA	58
4.1 ECOA: espaço onde ecoa a linguagem	58
4.2 Descrição do Sujeito	60
4.3 Descrição do Caso	61
4.5 Descrição dos parâmetros avaliados	62
CAPÍTULO 5: RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
5.1 A fala de RA nas práticas discursivas em situações dialógicas	64
5.2 Caracterização de parâmetros rítmicos da fala de RA	69
5.2.1 As pausas de um disártrico e um não disártrico: análise comparativa	70
5.2.2 Em meio às pausas: garantia de inteligibilidade e equilíbrio temporal	72
5.2.1.1 Os tipos de pausas na fala de RA	73
5.2.1.2 Tipos de pausa em relação ao tempo de duração ao serem realizadas	76
5.2.3 Para além das pausas: RA e suas outras estratégias para a implementação de um ritmo	78
CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

A presente dissertação analisa questões linguísticas presentes na linguagem oral em funcionamento de um sujeito disártrico, RA, 30 anos, vítima de um Traumatismo Cranioencefálico (TCE), e que vem sendo acompanhado longitudinalmente desde março de 2012, por mim, enquanto pesquisadora, na época, como bolsista de iniciação científica, e hoje como mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

Na maioria dos trabalhos voltados para a disartria¹, os autores buscam avaliar esse funcionamento com base em questões motoras, ou seja, olham para as dificuldades prosódicas e articulatórias do ponto de vista fisiológico e orgânico. Esses autores enfatizam apenas a perda decorrente dessa patologia de linguagem², não considerando o valor linguístico presente nos aspectos prosódicos e articulatórios na produção da fala.

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva (doravante ND), desenvolvemos um trabalho voltado para a linguagem oral em funcionamento na Disartria do sujeito RA. Para isso, buscamos olhar para a linguagem como algo em construção, uma atividade que está a todo momento em transformação por aqueles que a utilizam como meio de interação e, principalmente, como instrumento de readaptação ao mundo do qual fazemos parte. Essa forma de olhar para a linguagem é comumente observada em meio às patologias de linguagem quando muitos sujeitos com patologia buscam alternativas para lidar com suas dificuldades. Nesse sentido, a Neurolinguística Discursiva, base teórica em que nos apoiamos, lança mão dos conhecimentos sobre a plasticidade cerebral, para afirmar que processos alternativos de significação e a própria linguagem em uso contribuem para a reorganização do funcionamento da linguagem.

Apontamos a importância de olhar para o sujeito disártrico como um sujeito de linguagem, que, apesar de suas dificuldades ao se comunicar, também se constitui pessoalmente através da enunciação. Daí a necessidade de olharmos para além da produção motora na fala disártrica, pois é preciso observar os mecanismos que o sujeito disártrico utiliza para se fazer entender e constituir-se como sujeito de linguagem ao colocar a língua em

¹A disartria é caracterizada como uma alteração da fala ocasionada por um comprometimento no sistema nervoso central e/ou periférico, decorrente de um distúrbio neuromuscular. Essa alteração pode ser resultante de um traumatismo craniano, quando há um “deslocamento” do cérebro, causando lesões motoras, em níveis cerebelares, corticais e subcorticais, ou de origem degenerativa.

²As patologias de linguagem são sequelas, estudadas pela Neurolinguística Discursiva, que comprometem o funcionamento da linguagem e são decorrentes de Acidente vascular Cerebral (AVC), Traumatismo Cranioencefálico (TCE), Tumores cerebrais, dentre outras.

funcionamento. Nesse caso, além de investigarmos sobre a linguagem, consideramos que é por meio dela que a pesquisa possibilita e viabiliza o retorno do disártrico ao seu convívio social, incluindo-o em situações interativas que fazem sentido para ele no seu dia-a-dia.

Nesse sentido, a problematização que orienta a elaboração desta dissertação é a seguinte: Em que medida a disartria afeta o padrão rítmico da fala de RA? Quais aspectos prosódicos podem ser alterados na fala desse sujeito e como o investigador pode intervir para ajudar na reorganização rítmica da fala de um sujeito disártrico?

Com base nessa problematização, defendemos a hipótese de que a disartria afeta a linguagem oral em funcionamento do sujeito RA, especificamente o padrão rítmico, a saber, excesso de colocação de pausas e duração sintagmática alterada, tornando a fala acelerada. A velocidade de fala de RA sofre alterações em decorrência das inserções de pausa, que, segundo nossa hipótese, são pausas colocadas de forma a dividir os enunciados em duas partes com durações próximas, uma espécie de “equilíbrio duracional”. Dessa forma, acreditamos que a disartria compromete não somente atividades relacionadas a questões motoras, mas compromete, também, de forma significativa, a organização e execução do enunciado como um todo.

Diante desse cenário, acreditamos que o investigador deva estar ciente dessas especificidades quando o mesmo se coloca como mediador entre o sujeito disártrico e a reorganização de sua linguagem.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar aspectos linguísticos na linguagem oral em funcionamento do sujeito disártrico RA, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da ND. Além disso, é nosso objetivo avaliar a organização rítmica da fala de RA, a fim de direcionar a intervenção do investigador em prol da reestruturação da linguagem nesse sujeito.

Com isso, intencionamos alcançar os seguintes objetivos específicos, quais sejam:

- Investigar os processos de reorganização lexical na fala de RA;
- Avaliar a colocação de pausas feitas por RA;
- Avaliar a duração sintagmática com vistas a investigar a velocidade de fala de RA;
- Investigar a organização da estrutura silábica encontrada na fala de RA.

Para alcançarmos nossos objetivos e comprovar as hipóteses citadas, construímos a presente dissertação dividindo-a em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado *Linguística*, descrevemos uma breve abordagem sobre os estudos linguísticos e sua relação com a Neurolinguística Discursiva. Visto que a língua é um objeto de estudo para vários campos de investigação, buscamos nesse capítulo apontar a

relação entre a língua e a fala, dentro dos estudos Neurolinguísticos. Para isso, selecionamos três conceitos, linguagem, língua e fala, trazidos por Saussure (1916), para tratarmos o estudo de patologias de linguagem dentro da Neurolinguística Discursiva. Além disso, apontamos, resumidamente, conceitos, também de Saussure (1916), sobre os eixos sintagmático e associativo, a fim de compreendermos dados de seleção na fala de RA.

No segundo capítulo, intitulado *Neurolinguística*, tratamos, historicamente, sobre o interesse pelo estudo da linguagem no cérebro. Com isso, descrevemos, de forma breve, desde os estudos afasiológicos, passando pela Neurolinguística, até a Neurolinguística Discursiva, teoria sobre a qual desenvolvemos esta dissertação. Dentro da teoria da ND, discutimos alguns pontos relevantes para o desenvolvimento do estudo em patologias de linguagem, em especial a disartria. Dentre esses pontos relevantes, destacamos: a importância de o sujeito com patologias de linguagem assumir o seu papel de sujeito de linguagem; e a dinâmica do Sistema Nervoso central (SNC) e a reorganização cerebral, sendo este processo de reorganização como fundamental para a reorganização linguística nas patologias de linguagem.

No terceiro capítulo, intitulado *Disartria*, descrevemos a disartria sob um posto de vista linguístico, destacando o que é relevante para um maior conhecimento sobre essa patologia, contribuindo, assim, para o aprimoramento da teoria Neurolinguística sobre esse distúrbio da linguagem. Para isso, lançamos mão de estudos dentro da área de Fonética e Fonologia, a fim de tratarmos com maior clareza os distúrbios da linguagem do sujeito disártrico RA. Dessa forma, trazemos a tona conceitos de grande importância para uma investigação prosódica da fala disártrica, tais como: ritmo, pausa, duração e velocidade de fala.

No quarto capítulo, intitulado *Metodologia*, abordamos os pressupostos metodológicos da Neurolinguística Discursiva. Nesse momento, descrevemos o estudo de caso RA, de forma a detalhar especificidades sobre o trabalho realizado para a reorganização da linguagem desse sujeito, além de esclarecermos sobre pontos importantes sobre a pesquisa, tais como: descrição do espaço de convivência entre sujeitos e investigadores; descrição do caso e do sujeito. Para as análises acústicas da linguagem de RA, realizamos gravações de leituras e análises, via Praat, de parâmetros fundamentais para compreendermos o funcionamento do ritmo em sua linguagem, para essa análise, nos baseamos em estudos fonéticos e fonológicos como instrumento teórico e metodológico para a descrição e análise da fala de RA. O trabalho realizado com RA foi desenvolvido por meio do acompanhamento longitudinal, através de

atividades, cujo objetivo é inserir o sujeito disártrico em situações dialógicas que fazem sentido para ele no seu dia-a-dia.

No quinto capítulo, intitulado *Resultados e Discussões*, selecionamos e analisamos os dados, sob duas perspectivas: uma análise com base em uma perspectiva da Neurolinguística Discursiva; e uma análise com base em uma perspectiva acústica da fala de RA. Destacamos nesse capítulo, com base na teoria explanada nessa dissertação, dados que evidenciam alterações no funcionamento da linguagem de RA. Para isso, evidenciamos os dados por meio de quadros, tabelas, figuras e gráficos que mostram de forma objetiva o que acontece na fala disártrica de RA, possibilitando uma discussão clara e concisa dos resultados.

Por fim, destacamos as conclusões sobre os temas relevantes para a investigação prosódica na reorganização da fala disártrica de RA, na sua linguagem funcionamento, durante práticas discursivas.

Apontamos aqui a importância da interação entre sujeitos e investigadores que juntos trabalham para a reorganização linguística nas patologias de linguagem. Esse trabalho pode ser observado no ECOA³, Espaço de Convivência entre Afásicos e não afásicos, um grupo onde participam pessoas com e sem patologias de linguagem, que se fazem presentes em meio à troca de experiências e conhecimentos. Nesse ambiente, a inter-relação contribui de forma significativa para que os sujeitos com patologias se insiram novamente em um ambiente onde a linguagem é o meio condutor para interação social.

Essa interação é uma prática fundamental para que os seres humanos possam viver e se relacionar em uma sociedade. Nesse espaço, cada pessoa interage de forma particular, mas ao mesmo tempo de forma coletiva, já que é a partir da particularidade de cada indivíduo que o social é formado e constituído. Trazemos para essa realidade as diferenças que existem em cada particularidade, pois cada indivíduo é único. Dessa forma, é por meio da linguagem que compartilhamos conhecimentos e experiências a partir do meio social em que estamos inseridos.

Em se tratando da relação entre pessoas com e sem patologias de linguagem, podemos observar o convívio entre os participantes do ECOA. Nesse grupo convivem pessoas que apresentam sequelas que comprometem a linguagem em funcionamento, como a disartria, afasia, o Alzheimer, dentre outras alterações de linguagem que interferem nesse funcionamento.

³ Maiores detalhes ver Capítulo 4, seção 4.1.

Ao colocarem em prática o funcionamento da linguagem, essas pessoas se encontram diante de dificuldades para se relacionar, já que é por meio da linguagem que exteriorizamos nossa vontade, pensamentos, inquietudes, entre outras expressões.

Em cada encontro realizado no ECOA, os participantes interagem em meio às práticas discursivas, a fim de construir juntos um sentido, sentido este que é construído em meio a um contexto social comum a todos. Isso ocorre porque apesar das dificuldades linguísticas, cada sujeito carrega consigo sua subjetividade, que é transmitida apesar da incompletude, das “falhas” na fala de cada um.

Dentre essas particularidades, destacamos nessa dissertação as particularidades linguísticas do sujeito RA, um sujeito disártrico que em meio às suas dificuldades, consegue se relacionar e fazer-se sujeito de linguagem, pois o ser humano, com ou sem patologia de linguagem, não se constitui sujeito sozinho, mas se constitui sujeito em meio às relações e interações no seu convívio social.

CAPÍTULO 1: LINGUÍSTICA

1.1 Linguística e Neurolinguística

O *Curso de Linguística Geral*, escrito por Ferdinand de Saussure, representa um marco na história dos estudos da linguagem. Uma obra, publicada em 1916, três anos após a morte do linguista, data que representa a inauguração de uma nova ciência, a Linguística. Esse marco aponta uma ruptura entre o que era apenas uma disciplina, um estudo da origem e dos fatos da linguagem, e o que passa a ser considerada uma ciência autônoma.

A língua em particular e/ou a linguagem como um todo são estudadas sob diferentes pontos de vista. Assim, a Linguística tornou-se um campo de investigação para diferentes disciplinas que se interessam, de uma maneira ou de outra, pelos estudos da linguagem. Nesse caso, Lyons diz que “[...] tanto a linguagem quanto as línguas podem ser estudadas sob diferentes pontos de vista. Portanto, o campo total da linguística pode ser dividido em diversos subcampos segundo o ponto de vista adotado [...]” (LYONS, 1981, p. 43)

Dentro dessa perspectiva, a Neurolinguística surge como uma ramificação dos estudos da linguagem, que tem como interesse a investigação da linguagem em funcionamento nas patologias, com ênfase nos estudos sobre os processos linguísticos e cognitivos do cérebro. Sendo assim, conforme Morato (2001), a Neurolinguística apresenta-se como uma disciplina recente dentro da Linguística, que possui, segundo Lebrun (1983), autonomia, metodologia e princípios próprios.

Observamos, assim, a relação entre a Linguística, enquanto ciência, e a Neurolinguística, um campo recente que tem seus desdobramentos a partir da relação Linguística e Neurologia, porém sem ser uma mistura de noções vindas dessas duas áreas distintas.

A Neurolinguística “[...] interessa-se pelo indivíduo que, tendo uma afecção do seu sistema nervoso central, apresenta dificuldades de adquirir ou utilizar adequadamente um código verbal.” (LEBRUN, 1983, p. 04) Para esse estudo, ela lança mão dos conhecimentos da Linguística sobre a linguagem para entender os desvios causados por uma patologia. Nesse sentido, Morato (2001) aponta o caráter interdisciplinar da Neurolinguística dizendo que

Tradicionalmente voltada para as formas linguísticas (isto é, para o sistema, suas regras e normas, seus constituintes e organização) e, portanto para uma certa Linguística, a Neurolinguística tem cada vez mais condições de dialogar

não apenas com uma determinada concepção de língua e de cognição, mas com as possibilidades que os próprios domínios ou campos da Linguística oferecem. (MORATO, 2001, p.167)

A Neurolinguística se apropria do conhecimento de várias áreas da Linguística para explicar os dados obtidos por meio de práticas discursivas e atividades significativas de linguagem⁴. Assim, há uma troca mútua entre a Linguística e a Neurolinguística, pois assim como esta precisa da teoria linguística para explicar e fundamentar seus dados, a Linguística ratifica muitos de seus conceitos a partir dos dados obtidos pela Neurolinguística.

Nesse sentido, conforme Coudry (1995),

[...] a relação entre a Linguística e a Neurolinguística é motivada pelo interesse que temos em estudar patologias de linguagem sob uma visão discursivamente orientada, a partir da qual princípios protocolares discursivamente informados fundamentam a avaliação de linguagem para provocar a exibição (o que falta e o que excede) de dificuldades e de outros sintomas cognitivos correlacionados. (COUDRY, 1995, p. 13)

Para esta dissertação, apresentamos nas seções 1.2 e 1.3, a seguir, conceitos linguísticos fundamentais para tratarmos a linguagem em funcionamento na disartria, tais como: língua, linguagem e fala; e relações sintagmáticas e relações associativas.

1.2 Linguagem: Língua e Fala

Para assumir o lugar de uma nova ciência, a Linguística precisou, antes, definir seu objeto de estudo. Nesse sentido, Benveniste (1966) menciona a necessidade de uma mudança de atitude em relação ao objeto, e, para isso, Saussure (1916) distingue, a fim de defender seu ponto de vista, dentre outros, três conceitos fundamentais em seus estudos: linguagem, língua e fala.

Segundo Saussure (1916), a linguagem é uma faculdade humana, heterogênea e multifacetada, composta por aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, fazendo parte de um domínio individual e social, ao mesmo tempo, podendo ser dividida entre fala (Parole) e língua (Langue). Saussure (1916) afirma que:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse é unicamente psíquico; outra secundária, tem por objeto a

⁴ Para esta dissertação, nos lançamos em direção aos estudos fonéticos e fonológicos para entendermos a linguagem em funcionamento do sujeito disártrico RA.

parte individual da linguagem, vale dizer a fala, inclusive a fonação e é psico-física. (SAUSSURE, 1916, p. 27)

No que diz respeito à língua, Saussure (1916) salienta que ela deve ser vista como um conjunto de valores, que estão em relação de oposição entre si, depositados na mente do falante; um fato social, produto da coletividade, em que os valores desse produto são estabelecidos por meio de uma convenção social. Nesse sentido, a língua só existe na coletividade, não podendo o indivíduo nem criá-la, nem modificá-la por vontade própria.

A língua é homogênea e considerada como parte essencial da faculdade da linguagem, um produto social constituído por um conjunto de convenções, que possibilita a um grupo social colocar em funcionamento o exercício da linguagem. É por esse motivo que Saussure (1916) a coloca em primeiro lugar nos estudos da linguagem, pois conforme o linguista,

Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 1916, p. 17)

Em relação à fala, Saussure a considera como a outra face da linguagem, pertencente à esfera individual, que se apresenta como heteróclita. A fala e a língua apresentam características opostas, pois uma apresenta, respectivamente, um lado individual e acessório, mais ou menos acidental, e a outra apresenta um lado social e essencial.

A fala é [...] um ato individual da vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 1916, p. 22)

A partir desses conceitos, Saussure estabelece dicotomias e algumas delas são: língua x fala; sincronia x diacronia; significante x significado; relações sintagmáticas x relações associativas.

A teoria saussuriana se fundamenta por meio das dicotomias acima citadas, que, segundo o linguista, são importantes para investigar o objeto de estudo da Linguística, a língua. Para isso, Saussure apresenta o seguinte dilema: ou escolhe estudar um lado de cada problema, se arriscando a não notar as dualidades nos estudos da linguagem, ou, estudar os

vários aspectos da linguagem simultaneamente, fazendo com que o objeto da Linguística apareça como um conjunto confuso de coisas heteróclitas.

Ao estabelecer a dicotomia entre língua e fala, Saussure (1916) aponta a divisão entre Linguística da Língua e a Linguística da Fala. Segundo ele, a primeira trata sobre a parte essencial da linguagem, a língua. Esta assume esse lugar, por se tratar, conforme Camara Jr, “[...] de um sistema de elementos vocais comum a todos os membros de uma dada sociedade e que a todos se impõe como uma pauta ou norma definida.” (CAMARA JR, 1980, p. 24) Nesse sentido, Saussure observa que “A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos [...]” (SAUSSURE, 1916, p. 27)

A Linguística da Fala trata, por sua vez, das questões relacionadas à parte individual da linguagem, a fala. Saussure a identifica como o “lado executivo” da linguagem, “É a soma do que as pessoas dizem, e compreendem: a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação igualmente voluntários, necessários para execução dessas combinações.” (SAUSSURE, 1916, p. 27-8), ou nos dizeres de Camara Jr, “[...] é a atividade lingüística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo.” (CAMARA JR, 1980, p. 24)

Essa é a primeira dicotomia estabelecida por Saussure, necessária, segundo ele, para poder trilhar os caminhos dos estudos da linguagem, e mais especificamente do seu objeto de estudo, a língua.

Partindo das concepções apontadas por Saussure (1916), observarmos como funciona essa dicotomia entre língua e fala sob o olhar da Neurolinguística.

A esse respeito Coudry diz que “É necessário, portanto, superar dicotomias como língua e fala, sistema e uso, competência e performance para integrar em uma concepção abrangente de linguagem o seu funcionamento [...]”. (COUDRY, 2001, p. 47) Para isso, a Neurolinguística busca se fundamentar por meio de teorias como a Teoria da Enunciação, proposta por Benveniste (1974).

A partir disso, a Neurolinguística vai apontar a importância de considerar a relação de interdependência entre os estudos da língua e os estudos da fala. Essa relação foi mencionada por Saussure, quando, segundo ele, “[...] na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las.” (SAUSSURE, 1916, p. 16) Ele argumenta que “[...] esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para

que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça.” (SAUSSURE, 1916, p.27)

Para a Neurolinguística, essa relação permite que as dificuldades e os déficits de linguagem, em casos de patologias, sejam percebidos por meio da fala, já que é através da enunciação que o sujeito falante coloca a língua em funcionamento, assumindo, assim, a sua subjetividade por meio da linguagem.

1.3 Relações sintagmáticas e Relações associativas

Assim, pois, num estado de língua, tudo se baseia em relações. (SAUSSURE, 1916, p. 142)

Partindo da concepção de que na língua tudo se baseia por meio de relações, Saussure (1916) estabelece a dicotomia entre as relações sintagmáticas e as relações associativas. Sob o viés saussuriano, essas relações são abordadas como relações distintas, porém indissociáveis e indispensáveis. Como o próprio autor salienta,

As relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora decerta ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua. (SAUSSURE, 1916, p. 142)

Saussure (1916), ao tratar das relações sintagmáticas, explica que a língua possui um caráter linear, quando as palavras são dispostas umas seguidas das outras na cadeia da fala, formando um sintagma, e não podem ser pronunciadas ao mesmo tempo. Dessa forma, dentro de um contexto discursivo, os sintagmas são as combinações existentes formando um encadeamento de unidades consecutivas.

Essa relação sintagmática se dá em decorrência da presença dos termos que precedem a uma palavra e dos termos que virão logo a seguir, e é chamada por Saussure (1916) de relações “in praesentia”. Esses termos segundo ele, “[...] só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.” (SAUSSURE, 1916, p.142)

Por outro lado, Saussure (1916) apresenta as relações associativas, que, como diz o autor, ocorrem fora do discurso. Essas relações têm “[...] sua sede no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo.” (SAUSSURE, 1916, p. 143) Esse tipo de relação faz parte de uma associação mental, que une termos “in absentia”,

buscando aproximar termos que apresentam algo em comum, formando grupos que desempenham relações distintas.

Nesse sentido, como aponta o autor,

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. [...] a associação pode se fundar também apenas nas analogias dos significados [...] ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas. (SAUSSURE, 1916, p. 145)

Com isso, as relações associativas formam grupos em que as relações são feitas sem antes se prever o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem em que estão dispostas para o falante, pois “[...] os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada.” (SAUSSURE, 1916, p. 146), como mostra a figura abaixo.

Figura 1 - Representação das relações associativas



Fonte: Saussure (1916, p. 146)

Já discutida a relação entre a Linguística e a Neurolinguística, apresentamos a seguir pontos relevantes para o estudo da linguagem nas patologias, como o interesse pelo estudo da linguagem no cérebro; estudos neurolinguísticos e o despertar por uma visão discursiva em situações dialógicas, por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva.

CAPÍTULO 2: NEUROLINGUÍSTICA

2.10 interesse pelo estudo da linguagem no cérebro

No início do século XIX, momento em que surge o interesse pelo estudo científico do cérebro, o problema cérebro-linguagem começa a ser questionado, segundo Morato (2001), dando início aos estudos anátomo-fisiológicos da linguagem. Nesse momento, a Afasiologia surge como tentativa de descrever, sistematicamente, as alterações na linguagem, provenientes de lesões cerebrais, o que até então era feito por médicos patologistas ou por anatomistas.

Diversas doenças neurológicas já eram conhecidas desde a antiguidade. No entanto, um estudo mais profundo sobre essas doenças foi iniciado a partir do século XIX, com o interesse sobre o funcionamento da linguagem no cérebro.

Nesse momento, surge o interesse pelas funções do cérebro, quando alguns pesquisadores neuro-anatomistas defendiam a ideia de que algumas áreas específicas do cérebro eram responsáveis por determinadas funções mentais. Esses pesquisadores eram conhecidos como localizacionistas. Contra essa visão localizacionista se destacavam os holistas, investigadores que estudavam o funcionamento do cérebro a partir da ideia de que as funções mentais eram produto desse funcionamento como um todo.

Franz Josef Gall (1758-1828) era um neuro-anatomista que, no início do século XIX, ao contrário de seus contemporâneos holistas, defendia a ideia de que “[...]as diferentes características e os diversos traços da personalidade têm por sede uma parte bem determinada do córtex cerebral”. (LEBRUN, 1983, p. 09) Gall acreditava que as funções mentais do ser humano estavam localizadas em áreas cerebrais que poderiam ser identificadas particularmente. Dessa forma,

Gall acreditava que ao se conhecer o mapa das localizações cerebrais, poder-se-ia determinar os talentos, qualidades e defeitos de um indivíduo, examinando atentamente seu crânio. Gall chamava a este exame de cranioscopia. (LEBRUN, 1983, p. 09)

Segundo Gall, a memória verbal e o sentido da linguagem estavam localizados na região anterior dos dois lobos frontais. Essa teoria aponta uma dominância cerebral para a linguagem, quando, conforme Lebrun, “[...] as aptidões verbais do homem não dependem igualmente de seus dois hemisférios cerebrais: uma metade do cérebro, geralmente a esquerda, é mais importante do que a outra para as atividades lingüísticas.” (LEBRUN, 1983, p. 09)

Este estudo localizacionista, proposto por Gall em 1822, ficou conhecido inicialmente como organologia ou craniologia, e, posteriormente, como frenologia. Para ele, a função de partes do cérebro poderia ser identificada por meio de sintomas, ou seja, “[...] se a lesão de uma determinada zona do cérebro causava perturbação de uma determinada atitude, isto se deveria ao fato desta atitude ter sua sede nesta zona”. (LEBRUN, 1983, p. 10)

Como descrito por Lebrum (1983), a teoria proposta por Gall foi perdendo a credibilidade, o que não tira o mérito do neuro-anatomista de ter defendido a ideia de que algumas áreas cerebrais predominam no desempenho de certas funções mentais. O autor aponta que

Gall não imaginou que os dois hemisférios cerebrais do homem pudessem ter funções diferentes: sua teoria deu origem a pesquisas sobre as localizações cerebrais, mas a noção da existência de uma assimetria funcional entre os hemisférios, nada significava para ele. (LEBRUN, 1983, p. 11)

Gall apontava no cérebro as estruturas anatômicas responsáveis pelo funcionamento de funções mentais superiores. Com isso, o anatomista, por meio do interesse pela linguagem, direcionou o estudo pelo cérebro logo no início do século XIX, despertando, assim, o interesse pelos estudos afasiológicos.

Esses estudos afasiológicos, conhecidos como Afasiologia, apontam como objetivo desenvolver um estudo sobre as afasias, ou seja, alterações na linguagem por consequência de uma lesão focal adquirida no Sistema Nervoso Central (SNC). Com isso, a Afasiologia apresenta um estudo que se desenvolve a partir de relações entre áreas do cérebro que se relacionam com a linguagem.

Os estudos afasiológicos marcaram três momentos no século XIX, momentos estes que apresentam perspectivas diferentes. Conforme Deffante (2010),

O primeiro momento é quando a Afasiologia adota a ‘perspectiva clínica’ ao relacionar distúrbios de fala com lesões cerebrais; o segundo momento é quando é adotada uma ‘perspectiva anatômica’ ao relacionar os distúrbios da fala às regiões do cérebro e o terceiro momento é quando a ‘perspectiva filosófica’ é associada a lesões cerebrais, distúrbios de fala e hemiplegia. (DEFFANTE, 2010, p. 04)

A avaliação da linguagem feita através dos estudos afasiológicos volta-se para a realização de testes psicométricos, ou seja, os testes-padrão. Nesse caso, os sujeitos afásicos são avaliados a partir da metalinguagem, voltados para uma forte tradição gramatical, isto é, avaliam o conhecimento explícito que o sujeito afásico tem da língua, sendo esta vista como

um código. Nesse caso, a metalinguagem é vista como o uso da linguagem para se tratar da própria linguagem ou de parte dela.

2.2 Sobre os estudos Neurolinguísticos

Segundo Morato (2001), “A Neurolinguística é um dos campos mais recentes da Linguística.” (MORATO, 2001, p. 143) Ela teve origem a partir do interesse em afasias e com o aprofundamento nos estudos sobre os processos linguísticos e cognitivos do cérebro. Assim, a antiga Afasiologia passa a ser chamada de Neurolinguística. Nesse caso, “[...]a falta de teorias ponte entre a Linguística e a Neurologia contribuiu para que os estudos linguísticos sobre a afasia não acontecessem ainda no século XIX.” (MORATO, 2001, p. 151)

Entendemos, então, que a Neurolinguística é constituída por duas áreas do conhecimento: a Linguística, ciência que investiga o conhecimento da linguagem humana e a Neurologia, que estuda o cérebro e a mente relacionados ao comportamento do homem. Com isso, de acordo com Morato (2001),

A Neurolinguística, grosso modo, caracteriza um campo de investigação que se interessa de uma maneira geral pela cognição humana e de maneira mais específica pela linguagem e por processos afeitos a ela, direta ou indiretamente. (MORATO, 2001, p. 145)

No início dos estudos Neurolinguísticos, por volta dos anos 60 do século XX, alguns aspectos importantes ficaram de lado: a fala e sua atividade em situações de uso efetivo da linguagem; relações socioculturais e as práticas discursivas. Segundo Morato (2001), essa separação ocorre devido a:

Distinção entre língua e fala, central no nascimento da Linguística (Saussure, 1981) pelo viés do estruturalismo, [que] conduziu os estudos da afasia em direção ao estudo da língua, vista como sistema fechado, autônomo, homogêneo e inato, dissociada das atividades que com ela fazem os falantes. (MORATO, 2001, p. 153)

Essa concepção de língua era defendida pelos afasiologistas, e que acabou sendo transmitida para os estudos iniciais em Neurolinguística. Com isso, posteriormente, foi necessário deixar de lado a distinção entre língua e fala para que o falante e os aspectos socioculturais passassem a despertar interesse nos estudos da linguagem.

Um passo primordial para os avanços nos estudos em Neurolinguística foi a dedicação aos estudos do arcabouço teórico-metodológico geral da linguística enquanto

ciência, e essa é uma das características que diferencia a Neurolinguística da Afasiologia. Morato (2001) observa que, “Dessa maneira, instanciada nos domínios da Linguística, a Neurolinguística procura trabalhar sobre desafios teóricos aos quais tradicionalmente a ciência da linguagem se tem furtado.” (MORATO, 2001, p. 161)

A partir dessas questões, passa-se a pensar na importância de interações que se baseiam em relações discursivas por meio do uso social da linguagem. É com base nessa preocupação em inserir o sujeito com patologia de linguagem em situações discursivas que surgem os estudos em Neurolinguística discursivamente orientada.

2.3 Pontos de reflexão e aspectos teórico-metodológicos na Neurolinguística Discursiva

A Neurolinguística Discursiva é um campo recente na Linguística e os seus estudos foram iniciados por Maria Irma Handler Coudry. A ND se interessa em estudar a relação linguagem-cérebro, tendo como objetivo analisar a linguagem em funcionamento em sujeitos que apresentam uma patologia de linguagem e para isso ela se apropria da teoria da enunciação apresentada por Benveniste (1974) para fundamentar seus pressupostos.

A partir dessas concepções, Freire (2005) expõe que:

A Neurolinguística de orientação discursiva busca compreender como esse sujeito – que fala sob estas condições históricas e psico-afetivas, que opera nos limites de regras sociais mais ou menos comuns – coloca a linguagem em funcionamento sem que se possa, de antemão, prever como dela faz uso. A imprevisibilidade de seus enunciados, no entanto, não é de forma alguma incompreensível, mas está longe de ser um comportamento homogêneo. (FREIRE, 2005, p. 134)

O “Diário de Narciso: Discurso e afasia” é a tese de Doutorado defendida por Maria Irma Hadler Coudry, em 1986, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-Unicamp). Nessa tese, que em 1988 foi publicada em forma de livro, Coudry analisa os casos dos sujeitos N, P, e L, apresentando-os como sujeitos que, embora afásicos, exercem sua subjetividade na linguagem. Estudamos aqui as pistas deixadas pela autora sobre o quadro teórico que fundamenta a sua prática de avaliação e acompanhamento dos sujeitos com patologias de linguagem, como, por exemplo, a disartria.

Anterior ao Diário de Narciso, Coudry e Possenti (1983) abordaram também a utilização de teorias linguísticas na avaliação de linguagem de sujeitos afásicos de maneira parcial, basicamente considerando tarefas metalinguísticas a que são submetidos.

Morato(2001) alega que “Em relação às teorias enunciativas, a Neurolinguística vai procurar abrigo para a discussão que envolve a análise das interlocuções e de todo tipo de situação enunciativa [...]” (MORATO, 2001, p. 160) Segundo Benveniste (1974), a enunciação é o ato de o sujeito se apropriar da língua e colocá-la em funcionamento. Com isso, tem-se como resultado o discurso, sendo o produto dessa apropriação. Benveniste (1974) diz que só é possível compreender a língua como um todo através da enunciação, pois antes da enunciação, segundo ele, a língua não é senão possibilidade da língua.

Para a realização dessa dissertação, nos apoiamos nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística, e mais especificamente, em uma orientação discursiva da linguagem, proposta pela ND. A ND defende a prática de situações enunciativo-discursivas, como situações de avaliação de sujeitos com patologias de linguagem no acompanhamento longitudinal, por acontecer nesse contexto uma produção linguística prospectiva. Para isso, nos baseamos em dados da linguagem em funcionamento de um sujeito disártrico, obtidos por meio de atividades epilinguísticas, durante o acompanhamento longitudinal.

Ishara(2008) argumenta que:

Situações dialógicas e práticas discursivas permitem ao sujeito com afasia [patologias de linguagem] o exercício da linguagem que o coloca em relação com o outro, com a língua, com a cultura e com a afasia. (ISHARA, 2008, p. 08)

Partindo dessa concepção apresentada por Ishara (2008), percebemos a importância do acompanhamento longitudinal como procedimento de análise no estudo das patologias de linguagem, como a disartria, por exemplo. É através do acompanhamento longitudinal que se estabelece uma relação entre sujeito-linguagem e sujeito-sociedade, e também uma relação de amizade e confiança entre o investigador e o paciente, confiança esta que permite ao paciente um maior conforto no ato da enunciação, já que muitas vezes o sujeito com patologia de linguagem se sente acanhado devido às dificuldades que possui ao se comunicar, e por isso, com certa frequência, acaba sendo excluído das interações sociais e, em alguns casos, dos círculos familiares.

Durante o acompanhamento longitudinal o investigador utiliza metodologias que tem como objetivo inserir esse sujeito em situações dialógicas que fazem sentido, isto é, em um contexto. Dessa forma, a Neurolinguística Discursiva considera o sujeito disártrico como um produtor de discurso, permitindo que este se insira em práticas verbais utilizando, também,

processos linguísticos de significação como meio de se comunicar e estabelecer a linguagem.
O estudo longitudinal

[...] permite apreender a evolução do quadro clínico e perceber os processos de significação dos quais o sujeito lança mão, e melhor compreender, enfim, os mecanismos neurolinguísticos que constituem os fatos da linguagem. (COUDRY, 1995, p. 13)

Reconhecendo, assim, os recursos linguísticos utilizados pelo sujeito, ao contrário do que ocorre nos testes-padrão que acabam igualando todos os sujeitos com patologias de linguagem como se fossem impossibilitados de estabelecer diálogo, criando, assim, uma dicotomia entre o normal e o patológico.

O sujeito com lesão cerebral ao se comunicar, diante das dificuldades, utiliza processos de significação como forma de arranjos em sua linguagem, já que seleciona e combina palavras, gestos, expressões faciais, elementos usados na comunicação, de forma geral, que aqui ganham um sentido a mais para fluir o discurso.

Com isso, o acompanhamento longitudinal permite ao investigador analisar e interpretar os dados obtidos através das sessões com o sujeito disártrico, dando a possibilidade de entender os processos alternativos de significação como uma das formas de comunicação desse sujeito. Tanto os processos de significação verbais quanto os não verbais são considerados dados-achados, que, segundo Coudry (2008), “[...] funciona como uma espécie de pista privilegiada para o investigador descobrir caminhos trilhados pelo sujeito que fazem compreender suas dificuldades e as saídas encontradas” (COUDRY, 2008, p. 20-1).

A aquisição dos dados que fundamentam a teoria da Neurolinguística Discursiva ocorre através de práticas discursivas, isto é, de diferentes situações discursivas que se constituem através da enunciação.

Nesse sentido, Coudry (1996) argumenta que

A avaliação e o acompanhamento longitudinal de dificuldades linguístico-cognitivas que se fazem sobre o processo verbal e que se baseiam em princípios teóricos (...) constroem o dado-achado no processo de significação, que é revelador e encobridor de dificuldades. (COUDRY, 1996, p. 185)

Coudry (1996) caracteriza como dado-achado os dados obtidos através do acompanhamento clínico. Esses dados, segundo a autora, “originam-se de uma prática com a linguagem, e não podem ser inventados.” (COUDRY, 1996, p. 182)

No acompanhamento longitudinal, buscamos gravar o sujeito disártrico em atividades significativas para retirarmos os dados-achados. Consideramos esses dados como detalhes, indícios que guardam relação com aquilo que o investigador se propõe a compreender do ponto de vista teórico. Nesse sentido, a ND permite e possibilita ao investigador olhar para a linguagem considerando a tríade teoria-dado-teoria como ponto fundamental para entender o seu funcionamento. A esse respeito, Coudry e Freire (2010), afirmam que a linguagem deve ser qualificada como *discursiva*

[...] em função do refinamento teórico a partir de uma prática clínica em que a linguagem é peça crucial para seu entendimento e investigação. É só no momento da teoria para o dado e vice-versa que se pode *achar* e, portanto, reconhecer o que se *acha* como *dado* teorizando sobre o que é passível de particularização (o que diz respeito ao sujeito, à sua história e à interlocução) e sobre o que é comum aos falantes. (COUDRY; FREIRE, 2010, p.35)

Dessa forma, o investigador utiliza os dados com o objetivo de analisar não o que o sujeito não faz, ou o que falta para a compreensão de sua fala, mas sim o que ele faz, o que está presente em sua linguagem e os mecanismos que ele utiliza para se constituir como sujeito da linguagem.

Nesse sentido, é possível identificar os processos alternativos de significação a partir das sessões com o sujeito disártrico por meio do acompanhamento longitudinal, analisando os dados para então compreender o funcionamento da linguagem desse sujeito.

Se a ND diz respeito aos estudos da relação entre linguagem e cérebro, é preciso avaliar a linguagem a partir do seu funcionamento, isto é, através da enunciação. Com isso, percebe-se a importância do uso da teoria da enunciação nos estudos da ND. Nesse caso, conforme Fedosse (2008),

É, portanto, a interação condição necessária do desenvolvimento da linguagem; nela o sujeito se apropria do sistema linguístico (adquire os objetos linguísticos à medida que se constitui a si próprio como interlocutor e os outros como seus interlocutores). (FEDOSSE, 2008, p. 29)

Dessa forma, a ND dá condições ao sujeito com patologia de linguagem de colocar sua linguagem em funcionamento, da melhor forma possível, seja por palavras, gestos ou mesmo o silêncio, fazendo assim ser compreendido por qualquer que seja a sua forma de expressar.

Observamos que a ND afasta-se da tradição afasiológica que enxerga o sujeito apenas como objeto de estudo, não permitindo que este sujeito expresse a sua subjetividade na

linguagem. Ao analisarmos os métodos utilizados na avaliação da linguagem de sujeitos cérebro-lesados, podemos perceber certa incoerência no que diz respeito à utilização dos testes-padrão, pela tradição afasiológica. Estes se voltam para a língua como código, contrapondo, assim, ao pressuposto sobre o qual, segundo Benveniste (1974), a língua só pode ser compreendida como um todo na enunciação, ao se colocar a língua em funcionamento.

De acordo com Coudry (1983), os testes metalinguísticos (teste-padrão) excluem o sujeito, como interlocutor, da situação comunicativa. Já na concepção discursiva da linguagem, defendida pela ND, o sujeito se apropria de práticas verbais e de processos linguísticos de significação para se comunicar, pois, para Coudry (1983), “[...] é o sujeito que fala, efetivamente, e não a língua que fala através dele”. (COUDRY, 1983, p. 100)

Entendemos, então, que uma das formas de diferenciar a ND da Afasiologia diz respeito à questão da interação entre interlocutores em situações discursivas adotada pela ND, já que a Afasiologia não considera essa possibilidade.

Nessa perspectiva da ND, é de fundamental importância, como método de investigação, o acompanhamento longitudinal com o sujeito, no qual é possível avaliar a sua linguagem através da reflexão de suas dificuldades e dos recursos que ele utiliza para se comunicar.

Para os estudos neurolinguísticos, é preciso considerar tanto pesquisas linguísticas quanto processos de avaliação e diagnósticos das patologias de linguagem, como a disartria. Nesse caso, é necessário dedicarmos à observação dos dados para, posteriormente, selecioná-los com objetividade para a análise. Com isso, segundo Morato, “[...] é destacar o que está implicado no funcionamento patológico.” (MORATO, 2001, p. 162)

Para esta pesquisa, adotamos uma concepção de linguagem como atividade constitutiva, vista como lugar de interação humana. Essa concepção postulada por Franchi (1977) diz que:

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. (FRANCHI, 1977, p. 31)

2.3.1 Subjetividade na Linguagem Patológica

González Rey (2003), baseado em Lacan, salienta que o sujeito passa a ter contato e fazer parte do mundo social por meio da linguagem. González Rey diz que “A linguagem passa a ser a organização central dos processos psíquicos e, neste sentido, [Lacan] compreende o inconsciente como linguagem.” (GONZALÉZ REY, 2003, p.37). Conforme esse mesmo autor, “O sujeito lacaniano está completamente subjugado à linguagem que é a base de todas as suas formas de organização pessoal e social.” (GONZALÉZ REY, 2003, p.38)

Para Benveniste (1966), a linguagem faz parte da natureza do homem, e não pode ser concebida separada dele. Ela, conforme o autor, não pode ser considerada como instrumento, já que o homem não pode fabricá-la. Nesse sentido, a linguagem se constitui como uma natureza imaterial. A linguagem desempenha grande função na vida do homem, pois segundo o autor “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. (BENVENISTE, 1966, p. 286)

De acordo com a perspectiva da ND, consideramos que a linguagem não é só comunicação; quando uma pessoa usa a linguagem, não o faz apenas para se comunicar (como vem demonstrando Coudry, em seus estudos sobre afasia), pois a linguagem é usada para além do trânsito de informação. Com isso, consideramos nesta pesquisa que a questão da linguagem está para além da comunicação, pois estamos diante da necessidade de se fazer, com base na ND, sujeito de linguagem, com possibilidade de estar na enunciação, possibilidade de expressar a sua subjetividade e pessoalidade na linguagem (Cf. COUDRY, 2008, p. 11). Nesse sentido, Sampaio *et al.* (2013), dizem que

A linguagem permite ao sujeito experimentar o mundo e compartilhar seus conhecimentos. Por meio da linguagem, o homem se expressa, mostra-se, apresenta suas vontades e elabora suas ideias, sendo destaque na vida em sociedade. Quando a funcionalidade de um sujeito se afasta de alguns meios de produção ou interpretação (principalmente quando as alterações linguísticas, em decorrência de uma lesão cerebral, estão abaladas), há uma ruptura entre linguagem e sociedade. (SAMPAIO *et al.*, 2013, p. 01)

Dessa forma, entendemos que uma das formas de se integrar, interagir é através da linguagem, um instrumento de grande importância para a melhoria da convivência humana, independente do ambiente em que esteja, sendo um mediador entre o homem e o mundo. Conforme Auroux, “[...] cada um de nós se encontra imerso na linguagem como em seu lugar

natural, ali onde dominamos nossa presença no mundo e nossa humanidade.” (AUROUX, 2009, p. 08)

Nesse aspecto, para entendermos a relação indivíduo – mundo, temos que observar como o indivíduo, em particular sujeitos que apresentam patologias de linguagem, assumem a sua subjetividade, social e/ou individual, no meio em que vivem, e como a linguagem permite a esse indivíduo, com dificuldades ao dialogar, constituir-se pessoal e socialmente. Podemos dizer que o sujeito com desordem de linguagem pode expressar, como qualquer outro, por meio da linguagem, a sua subjetividade na sociedade em que vive.

A subjetividade, que é particular a cada indivíduo,

[...]representa os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos. Nela aparece constituída a história única de cada um dos indivíduos, a qual, dentro de uma cultura, se constitui em suas relações pessoais. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 241)

Essa forma de subjetividade se constitui por meio dos processos de subjetivação relacionados às experiências sociais desse “indivíduo concreto”.

A partir dessa diferenciação apresentada pelo autor, é possível apontar o papel social que o sujeito com patologias de linguagem assume na sociedade e o lugar que ele ocupa mesmo com suas dificuldades linguísticas.

As patologias de linguagem afetam, muitas vezes, de forma profunda e significativa a vida social de uma pessoa. É preciso considerar que pessoas com tais patologias possuem uma lesão no cérebro, e com isso, apresentam alterações em processos cognitivos e sinais neurológicos, como hemiplegia, apraxia, agnosia, etc. Ao se depararem com dificuldades ao se comunicar, esses indivíduos passam a viver isoladas no mundo do qual fazem parte, deixando de lado em muitas situações de suas vidas a sua subjetividade, social e/ou individual.

É por esse motivo que muitas vezes o sujeito cérebro-lesado acaba excluído do meio em que vive, pois nem sempre as pessoas que o rodeiam param para refletir as deficiências na linguagem específicas desse sujeito, e com isso sentem dificuldades ao dar continuidade a um diálogo, ou seja, por não saberem olhar para a linguagem desse sujeito é que essas pessoas acabam excluindo-o do ambiente do qual faz parte, e das relações que mantêm entre si, e, muitas vezes, falando por ele. Como exemplificação, evidenciamos a afirmação de Sampaio (2010) sobre o sujeito afásico, quando a autora observa que muitas vezes “[...] o afásico passa por um distanciamento da sociedade ou a sociedade se afasta dele (ou há um afastamento de ambos).” (SAMPAIO, 2010, p. 51) Esse distanciamento ocorre também devido ao fato de

peessoas com patologias de linguagem serem vistas como diferentes, pois o que é diferente assusta, na maioria das vezes, e causa constrangimento àqueles que não tem oportunidade de conhecer diariamente as dificuldades vivenciadas por essas pessoas.

Nesse sentido, é preciso saber interpretar os processos significativos para compreender um diálogo com um sujeito cérebro-lesado. Mas, por não saber lidar com essas situações, as pessoas que convivem com ele acabam não dando sequência às práticas discursivas, isolando-o do meio familiar, o que acaba dificultando ainda mais a sua interação com as pessoas.

Freire (2005) argumenta que “As alterações que advêm da lesão afetam não somente o funcionamento do cérebro, mas afetam – em graus variados – sua subjetividade, seu corpo, sua relação com o outro e com o mundo.” (FREIRE, 2005, p. 03)

Compreendemos que o sujeito com patologia de linguagem pode expressar por meio da linguagem, a sua subjetividade social e individual na sociedade em que vivem, assim como qualquer outro. Nesse sentido, Sampaio (2010) afirma, com base em Lemay (1995), que “[...] é através da linguagem que assumimos nossa posição na sociedade e somos reconhecidos enquanto pessoas.” (SAMPAIO, 2010, p. 51)

Apesar de suas limitações, o sujeito com tais patologias não deixa de assumir o seu papel de sujeito da linguagem, buscando uma forma própria, em meio a suas dificuldades, de estabelecer e expressar a sua subjetividade, desde que o meio e as pessoas com quem vive deem lugar, ou seja, oportunidades para esses sujeitos se colocarem e participarem do mundo no qual estão inseridos.

A partir dessa questão surge a seguinte pergunta: como olhar para a linguagem dos sujeitos com patologias de linguagem?

Esse sujeito é sujeito de linguagem própria, ou seja, apesar de suas dificuldades, ele utiliza meios próprios para ser compreendido durante a enunciação. Mas para que seja realmente compreendido é preciso, antes de tudo, estar inserido em um contexto que faça sentido para ambos os interlocutores, e principalmente para ele, pois este, em sua fala, utiliza elementos verbais e não verbais, combinando-os com o objetivo de assumir a sua subjetividade na linguagem, já que o sujeito se apropria da língua para, do seu jeito, colocá-la em funcionamento.

Percebemos, com isso, que o que falta, muitas vezes, são informações da parte das pessoas para manterem uma conversação com o sujeito com patologia, o que ocasiona a interrupção dessa prática discursiva. Com isso, observamos que o cérebro-lesado aprende a

lidar com as dificuldades, mesmo em situações adversas, colocando a sua linguagem em funcionamento.

Consideramos aqui que a questão está além da comunicação, pois estamos diante da necessidade de se fazer sujeito de linguagem, a possibilidade de estar na enunciação, a possibilidade de expressar a sua subjetividade e pessoalidade na linguagem (Cf. COUDRY, 2008).

2.3.2 A Dinâmica do Sistema Nervoso Central proposta por Luria (1981) e a reorganização cerebral

O interesse pelo conhecimento do cérebro e o seu funcionamento surge quando pesquisadores neuro-cientistas, conhecidos como localizacionistas, acreditavam na ideia de que algumas áreas específicas do cérebro eram responsáveis por certas funções mentais. A visão localizacionista, já tratada na seção 2.1 desta dissertação, apresentada por Gall (1758-1828), defendia que as funções mentais do cérebro humano estavam localizadas em áreas que poderiam ser apontadas isoladamente.

Contrapondo a esta visão, Luria (1981) nos apresenta o cérebro como um sistema integrado que trabalha em conjunto para a realização das atividades cerebrais como um todo. Nesse caso, o autor descreve a dinâmica do Sistema Nervoso Central (SNC) apresentando as funções mentais superiores como um sistema funcional complexo. Essas funções mentais superiores são os processos mentais humanos, processados pela ação conjunta de “[...] grupos de estruturas cerebrais operando em concerto.” (LURIA, 1981, p. 27), que juntos trabalham para a organização e funcionamento desse sistema complexo.

A partir dessa ideia, Luria (1981) se propõe a descrever as unidades funcionais básicas para a atividade mental, e o que cada unidade desempenha de forma complexa no processamento cerebral, visto que para isso é preciso a cooperação de partes diferentes do cérebro trabalhando como um todo.

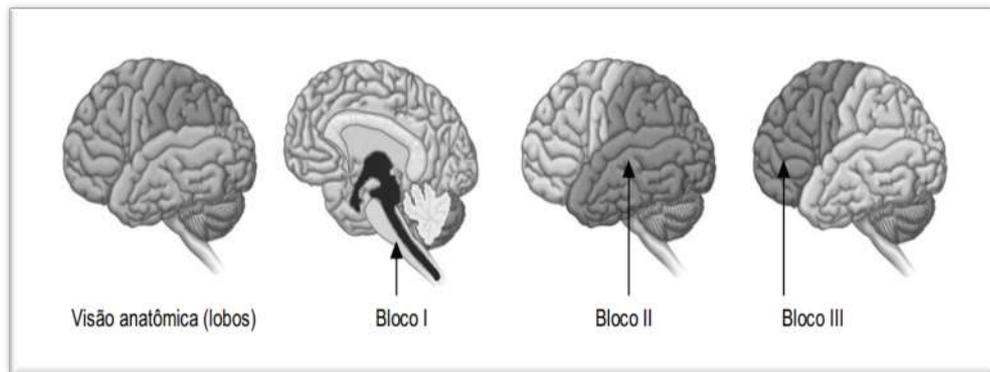
São três as unidades funcionais apresentadas por Luria (1981), que, conforme o autor, são fundamentais para o funcionamento da atividade mental. A unidade I, responsável pelo estado de consciência, que, segundo Luria (1981), regula o “tono ou a vigília”; a unidade II, que capta, processa e armazena as informações ambientais; e a unidade III, responsável pela avaliação da ação; ela programa, regula e verifica a atividade mental.

De acordo com Luria (1981),

Os processos mentais do homem em geral, e a sua atividade consciente em particular, sempre ocorrem com a participação das três unidades, cada uma das quais tem o seu papel a desempenhar nos processos mentais e fornece a sua contribuição para o desempenho dos referidos processos. (LURIA, 1981, p. 27)

As unidades funcionais podem ser visualizadas a partir da seguinte ilustração:

Figura 2 - Unidades Funcionais



Fonte: Andrade (2010, p. 05)

A unidade I se localiza no tronco cerebral e superfícies mediais dos hemisférios cerebrais, e se relaciona com as estruturas subcorticais e com o córtex cerebral de ambos os hemisférios. A unidade I é de fundamental importância para o funcionamento mental como um todo, e é responsável pelo estado de vigília, quando o homem recebe e analisa as informações, fazendo com que os processos mentais funcionem adequadamente. Nesse sentido, Luria (1981) diz que:

Para que os processos mentais humanos sigam o seu curso correto, o estado de vigília é essencial. É apenas em condições ótimas de vigília que o homem pode receber e analisar informações, que os necessários sistemas seletivos de conexões podem ser trazidos à mente, sua atividade programada e o curso de seus processos mentais verificado, seus erros corrigidos e sua atividade mantida em um curso apropriado. (LURIA, 1981, p. 28)

A unidade II se localiza na região posterior das superfícies laterais, formando os lobos occipital, temporal e parietal, e busca receber, analisar e armazenar informações. Nas palavras do autor, “Esta unidade se localiza nas regiões laterais do neocórtex sobre a superfície convexa dos hemisférios, cujas regiões posteriores ela ocupa, incluindo as regiões visual (occipital), auditiva (temporal) e sensorial geral (parietal).” (LURIA, 1981, p.49)

A unidade III situa-se nas regiões anteriores dos hemisférios, anterior à unidade II, e é formada pelos lobos frontais. Essa unidade é responsável pela organização da atividade consciente. De acordo com Luria (1981),

A recepção, a codificação e o armazenamento de informações constituem apenas um dos aspectos dos processos cognitivos humanos. Outro de seus aspectos é a organização da atividade consciente. Esta tarefa vincula-se ao terceiro dos sistemas funcionais fundamentais do cérebro, responsável por programação, regulação e verificação. (LURIA, 1981, p. 60)

Luria (1981) aponta a importância da interação entre as três unidades funcionais do cérebro, pois, segundo ele, “Seria um erro imaginar que cada uma dessas unidades pode levar a cabo uma certa forma de atividade de maneira completamente independente.” (LURIA, 1981, p. 78) Essa afirmação nos faz entender que o sistema funcional complexo só desempenha o seu papel funcionando por meio da combinação das três unidades funcionais cerebrais. Nesse sentido, Pereira (2010) nos informa que:

[...] em termos cerebrais, a atividade de compreendermos o que o outro nos diz, por exemplo, não pode ser localizada em uma ou outra área, pois se trata de uma complexa atividade que requer, também, o bom funcionamento das três unidades funcionais. (PEREIRA, 2010, p.195)

O cérebro humano é um órgão que interessa a muitos estudiosos. Por ter um funcionamento bastante complexo, durante anos os neurocientistas imaginavam que ele era um sistema em que suas células não poderiam multiplicar e que por isso era impossível modificar seu circuito. Segundo Annunziato (1995)

Esta idéia deve ter surgido, muito provavelmente, com a informação de que as células nervosas, ao contrário dos outros tecidos do organismo, não se multiplicam mais após o nascimento. Assim, uma vez que ocorresse uma lesão comprometendo o SN, não haveria mais possibilidades de uma recuperação. (ANUNZIATO, 1995, p. 63)

Para que aconteça uma reorganização funcional é preciso que o cérebro entenda que algo está fora do seu funcionamento normal. No caso das patologias de linguagem, quando ocorre uma lesão difusa e/ou focal, outras áreas do cérebro funcionam em conjunto para uma reorganização das atividades mentais responsáveis pela área lesionada. Sobre essa reorganização é preciso considerar a afirmação de Annunziato e Oliveira (s.d.) quando apontam que “Esta sequência admirável de eventos plásticos nos mostra que a

Neuroplasticidade não significa a cura, mas sim a tentativa-teima do SN em tentar manter suas funções.” (ANNUNCIATO; OLIVEIRA, s.d, p. 10)

Ao longo do tempo, os estudos mostraram que o ser humano possui um sistema funcional cerebral de grande complexidade, em que os processos mentais funcionam a partir da combinação de áreas cerebrais individuais, como foi apresentado acima. Ao adquirir uma patologia, o sujeito cérebro-lesado passa ou passou por transtornos no funcionamento cerebral. No entanto, os estudos mostraram também que o cérebro possui uma característica de grande valor que é a capacidade de se reorganizar funcionalmente, e essa característica é conhecida como Neuroplasticidade.

Kagan e Saling (1997) dizem que o termo “Plasticidade significa que embora o objetivo ou meta de um sistema funcional permaneça constante, os meios para obter isso são variáveis.” (KAGAN; SALING, 1997, p. 64) Isso nos faz entender que apesar de haver uma ou mais áreas lesionadas, o cérebro se reorganiza em meio às suas lesões, a fim de encontrar alternativas para o desempenho da função da área afetada. Nesse sentido, Luria (1981) salienta que:

Um foco patológico que surge como resultado de um ferimento, de hemorragia, ou de um tumor, perturba o funcionamento normal de uma dada área cerebral, abole as condições necessárias ao funcionamento normal do sistema funcional particular, e, assim, leva à reorganização do funcionamento das partes intactas do cérebro, de forma que a função perturbada pode ser desempenhada de maneiras novas. (LURIA, 1981, p. 81-2)

Existem fatores que influenciam diretamente na reorganização das funções do cérebro, e dentre eles estão os aspectos sócio-histórico, apresentados por Vygotsky. Sobre isso, Damasceno (1997), afirma que

O fato de constituírem sistemas funcionais dinâmicos (isto é, capazes de reorganizações e rearranjos conforme a tarefa em pauta) explica por que as funções psicológicas e as correspondentes regiões cerebrais que as processam apresentam alto grau de plasticidade, o que aumenta à medida que se vai do córtex cerebral primário ao terciário. E como essas funções nascem da prática sócio-histórica (sendo elas não “faculdades mentais” abstratas, mas modos como o sistema cognitivo-cerebral-organísmico humano funciona na atividade que as recruta), compreende-se por que, em reabilitação cognitivo-linguística, o ambiente e as atividades praxiterapêuticas devem ser o mais similar possível aos da vida real, obviamente programadas de forma adequada à correção ou compensação do(s) defeito(s) básico(s) de cada indivíduo. (DAMASCENO, 1997, p. 89)

Para que ocorra essa reorganização cerebral é preciso levar em consideração a inserção do sujeito cérebro-lesado em um ambiente em que as práticas sociais e linguísticas estejam fortemente presente na vida das pessoas, e principalmente no convívio diário desse sujeito.

A reorganização funcional, a Neuroplasticidade, foi e é fundamental para a reorganização linguística da linguagem em funcionamento no caso do sujeito disártrico em estudo, considerando que a cada momento ocorrem rearranjos e processos que possibilitam a sua retomada na vida social e linguística. Daí a importância de práticas discursivas contextualizadas, como defende a ND, pois assim o sujeito tem acesso ao que é real no seu dia-a-dia.

CAPÍTULO 3: DISARTRIA

3.1 Disartria: uma patologia de linguagem

A ND tem como um dos seus objetivos o estudo de patologias de linguagem e dentre elas a disartria. Esta é caracterizada como uma alteração da fala ocasionada por um comprometimento no sistema nervoso central e/ou periférico, decorrente de uma lesão, como aponta Melle (2007),

[...] la disartria es una afectación neurológica del sistema nervioso central y/o periférico que produce dificultades en la programación o la ejecución motora dando lugar a la presencia de alteraciones en el recorrido muscular, la fuerza, el tono, la velocidad y la precisión de los movimientos realizados por la musculatura de los mecanismos que participan en la producción, esto es, en la respiración, la fonación, la articulación y la resonancia. (MELLE, 2007, p. 13-14)⁵

Essa alteração pode ser resultante de um traumatismo craniano, quando há um “deslocamento” do cérebro, causando lesões motoras difusas, em níveis cerebelares, corticais e subcorticais, ou de origem degenerativa. Nesse caso, Lemos (1984) mostra que

[...] as sequelas desses traumatismos variam de acordo com a amplitude e a localização das lesões e a capacidade da parte do cérebro, que se manteve intacta, de poder exercer uma ação que possa suprir a deficiência da que foi afetada. (LEMOS, 1984, p. 41)

No que diz respeito à linguagem em funcionamento na disartria, essa patologia de linguagem pode causar modificações na respiração, na fonação, na ressonância e na articulação da fala, como descrito por Melle (2007), afetando aspectos linguísticos. Outras consequências dessa patologia estão relacionadas à prosódia, em que o ritmo na produção da fala pode ser afetado.

Conforme Vieira (2007), em condições normais,

A fala tem uma função lingüística, de organização do seu discurso e, conseqüentemente, não acontece em qualquer lugar e de qualquer forma: a

⁵A disartria é um distúrbio neurológico do sistema nervoso central e/ ou periférico que produz dificuldades na programação ou na execução motora, dando lugar à presença de alterações nos movimentos musculares, na força, no tom, na velocidade e na precisão dos movimentos realizados pela musculatura dos mecanismos que participam da produção, isto é, na respiração, na fonação, na articulação e na ressonância. (Tradução nossa)

pausa participa da produção, da percepção e da organização rítmica das mensagens orais. (VIEIRA, 2007, p. 22).

Segundo esse autor, o ritmo apresenta um papel fundamental na organização da fala e é por meio dessa organização que o sujeito consegue fazer-se compreendido em situações comunicativas.

Com base nos estudos em prosódia, voltamos o nosso olhar para aspectos linguísticos presentes na alteração do ritmo da fala, pois, conforme Cagliari (1992), os elementos prosódicos não podem ser separados de elementos linguísticos.

Em se tratando da produção da fala, esta é composta por gestos articulatórios acionados pelo sistema neuromotor, controlada pelas atividades cognitivas do falante. Rodrigues (1989) denomina de gesto articulatório “[...] a toda movimentação de órgãos fono-articulatório (OFA) cujo objetivo seja produzir um som modulado com ou sem significado lingüístico.” (RODRIGUES, 1989, p. 15). Como mostra Felizatti (1998), na disartria, os órgãos fono-articulatórios são afetados, comprometendo os padrões de movimento, precisão, coordenação e velocidade, afetando, conseqüentemente, a produção da fala.

A maioria dos estudos voltados para a disartria caracteriza essa patologia de linguagem apenas como consequência dos transtornos motores decorrentes de lesão cerebral, como mencionado pelos autores Melle (2007), Felizatti (1998). Dessa forma, as dificuldades linguísticas, e mais especificamente prosódicas e articulatórias, são avaliadas sob o ponto de vista orgânico e fisiológico, enfatizando a perda decorrente dessa patologia, desconsiderando, assim, o valor linguístico nos aspectos prosódicos e articulatórios no funcionamento da linguagem.

Darley, Aronson e Brown (1969a), apud Murdoch (2005), dizem que “A disartria designa problemas na comunicação oral devido à paralisia, fraqueza e incoordenação da musculatura relacionada á fala.” (MURDOCH, 2005,p. 17) Com essa afirmação, os autores declaram que se apoiam na produção motora e suas alterações para estudar a disártrica.

Iliovitz (2004), com base em Felizatti (1998), afirmaque

[...] a disartria corresponde a uma desordem na produção motora que afeta os padrões de movimento, precisão, coordenação e força dos órgãos fono-articulatórios. Além disso, envolve lesões motoras de origem geralmente traumática no sistema nervoso central, em níveis cerebelares e subcorticais configurando comprometimentos fonético-fonológicos causados pelo enfraquecimento dos músculos fonatórios. (ILIOVITZ, 2004, p. 01)

Entendemos por meio da descrição acima, que, para que a fala disártrica seja comprometida em níveis linguísticos, primeiro é necessário um comprometimento na produção motora responsável pela articulação.

Acreditamos que a disartria por ser uma lesão difusa compromete também áreas do cérebro responsáveis pela linguagem, o que nos leva a entender que pode ocorrer uma relação entre os transtornos do TCE como consequência direta nas alterações linguísticas na disartria, sem que necessariamente ocorra uma desordem motora que prejudique os órgãos fonarticulatórios.

Por ser a disartria uma patologia de linguagem, cujas alterações se destacam os transtornos prosódicos, apresentamos a seguir um breve estudo sobre esse tema, elencando conceitos fundamentais para entendermos a (des)organização da fala disártrica, tais como: ritmo, pausa, duração, velocidade de fala, dentre outros.

3.2 Prosódia

A prosódia é um campo de investigação de interesse da Linguística e mais especificamente da Fonética e Fonologia, áreas que, por meio de modelos teóricos, se interessam por compreender a relação da prosódia com a fala e a linguagem, e com a língua como um todo. Nesse sentido, é necessário entendermos a importância dos estudos em prosódia, considerando, assim, os fenômenos prosódicos e os elementos supra-segmentais como fundamentais para a comunicação humana.

Os elementos supra-segmentais são de grande importância nos estudos sobre prosódia. Pacheco (2006) diz que o termo supra-segmental não deve ser compreendido como sinônimo de prosódia. Segundo a autora, esses elementos devem ser vistos, de acordo com Cagliari e Massini-Cagliari (2001), como “[...] propriedades fonéticas diferentes dos segmentos que se caracterizam por unidades maiores que os segmentos, chegando a extensão de uma sílaba, tais como acento, tom, entoação, etc.” (PACHECO, 2006, p.46)

Cagliari, em seu texto *Prosódia: Algumas funções dos supra-segmentos*, de 1992, seleciona cada elemento supra-segmental prosódico para apresentar as principais funções linguísticas que esses elementos desempenham na Língua Portuguesa do Brasil.

Para o autor, a fala é constituída por elementos supra-segmentais prosódicos assim como é constituída pelos fonemas. Esses elementos são separados, por Cagliari (1992), em grupos. São eles: elementos de melodia da fala (tom, entoação, tessitura); elementos da

dinâmica da fala (duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, *arsís/tesis*); e elementos de qualidade de voz (volume, registro, qualidade de voz).

Esses elementos são de grande importância para que haja comunicação, já que, como informa Cagliari (1992), “Há sempre muitas sutilezas de significado nas atitudes do falante e todas elas se refletem depois da escolha dos elementos supra-segmentais prosódicos e no modo de se programar as palavras que se diz.” (CAGLIARI, 1992, p.150)

Para o estudo sobre prosódia, apresentamos um estudo introdutório direcionado à prosódia, uma síntese que aborda desde a sua origem até os dias atuais, tratando alguns dos principais temas sobre esse tema.

3.2.1 Prosódia e a origem de seus estudos

Para trazermos a origem do termo prosódia, observamos a definição abordada por Nooteboon (1997), citado por Pacheco (2006), que descreve o termo como origem do grego, quando esta civilização utilizava a palavra prosódia para indicar canções tocadas com instrumento musical. Outro autor apontado por Pacheco (2006), Couper-Kuhlen (1986), diz que esta palavra era usada, também pelos gregos, para indicar traços da fala que não apresentavam representação gráfica.

Cagliari (2007) aponta a tradição greco-latina como um bom exemplo de tradição de estudos prosódicos, já que os ensinamentos sobre prosódia deixados por essa tradição são bastante rebuscados, demonstrando o interesse dos antigos em investigações da linguagem relacionadas a esses estudos. Dessa forma, o autor caracteriza a gramática da prosódia como a mais antiga. Ela surge como uma preocupação dos povos antigos em adequar a linguagem do dia-a-dia a um uso poético. Como consequência, de acordo com Cagliari (2007), surge a poesia metrificada que apresentava além da função literária as funções sociais, políticas, religiosas e científicas.

A poesia métrica, descrita nas primeiras gramáticas greco-latinas, conforme Cagliari (2001), citado por Pacheco (2006), era transcrita cuidadosamente, pois os aspectos prosódicos não podiam ser representados graficamente pelo sistema alfabético, daí a preocupação desses povos em adequar a linguagem real a uma descrição correta em suas poesias.

Os estudos linguísticos sobre prosódia concentravam-se até a metade do século XVIII, como mostra Cagliari (2007), nos estudos da metrificação e dos sinais de pontuação. Esses sinais ajudavam o leitor no que diz respeito aos padrões sintáticos, semânticos e prosódicos. Nesse sentido, Cagliari (2007) afirma que

[...] a prosódia é a área de investigação mais antiga dos estudos lingüísticos, que começou com os estudos mais antigos sobre a metrificação poética. Foi enriquecida com o uso dos sinais de pontuação e contou até com a retórica para ir se fixando como um objeto de estudo da fala, diferente dos estudos baseados em outros aspectos da gramática. (CAGLIARI, 2007, p. 35)

Para o português, segundo Mira Mateus (2004), o interesse nos estudos em prosódia aconteceu desde as primeiras gramáticas, tendo como influência as gramáticas antigas, como a latina. João de Barros, citado por Mira Mateus (2004), na *Gramática da Língua Portuguesa*, de 1540, aponta

[...] que os latinos ‘ partem a sua Gramática em quatro partes: em Ortografia, que trata da letra; em Prosódia, que trata de sílaba; em Etimologia, que trata da dicção, e em Sintaxe, a que responde a construção, à imitação dos quais, (por termos as suas partes), dividimos a nossa gramática. (MIRA MATEUS, 2004, p. 02).

3.2.2 Fenômenos prosódicos dentro do sistema lingüístico

Para situar os estudos sobre prosódia dentro dos estudos lingüísticos, é preciso, como sugere Cagliari (2007), definir o que se entende por lingüístico. Conforme o autor,

Em primeiro lugar, é preciso definir o que se entende por lingüístico, uma vez que esse rótulo tem uma história muito longa e tem sido usado com muitos significados. Aqui, o termo lingüístico refere-se ao conjunto de conhecimentos acumulados a partir da geografia lingüística do século XIX e do estruturalismo do início do século XX, desdobrando-se nas áreas da chamada Lingüística Moderna, com as várias teorias que foram surgindo e se desenvolvendo, sendo a teoria gerativa, certamente, a mais importante historicamente. Ficam de fora as teorias antigas das gramáticas, os etimologismos sem fundamento, as interpretações impressionísticas, *ad hoc* e os trabalhos de investigação instrumental da fala, desvinculados dos compromissos da descrição lingüística nos seus diferentes níveis de análise. (CAGLIARI, 2007, p. 23)

Nesse sentido, o autor adverte quanto ao fato de muitos estudos considerarem o termo lingüístico em trabalhos que não abordam uma descrição lingüística em seus diferentes níveis de análise, deixando de lado os estudos feitos a partir de uma metodologia de investigação da linguagem, com base nos pressupostos do estruturalismo. Nesse caso, assim como em outras áreas da linguagem, os estudos sobre prosódia devem ser desenvolvidos a partir de uma descrição e análise lingüística que respeitem e se apoiem em uma metodologia de investigação da linguagem que não fuja dos pressupostos da Lingüística Moderna.

Cagliari (2007) cita os fenômenos prosódicos como pertencentes aos fenômenos linguísticos, sendo, assim, parte essencial do sistema linguístico, pois como descreve o autor, “Uma análise prosódica que não considera o fenômeno como sendo essencialmente lingüístico não serve para a lingüística e, provavelmente, não apresentará grandes interesses em outras áreas.” (CAGLIARI, 2007, p. 30). Com isso, os estudos prosódicos vão ser fundamentais a partir do momento em que se considerar como relevante a descrição do sistema da língua.

Barbosa (2012) observa que as funções da prosódia serão avaliadas e consideradas como relevantes no trabalho científico a partir do momento em que a análise prosódica se tornar fundamental para o crescimento do conhecimento da comunicação humana. Para o autor, “[...] a prosódia está, no cenário de pesquisa atual, associada a fatores linguísticos como acento, fronteira de constituinte, ênfase, entoação e ritmo, a fatores paralinguísticos como marcadores discursivos [...] e atitudes proposicionais [...], além de tratar de fatores extralingüísticos como as emoções.” (BARBOSA, 2012, p. 13). Com isso, o autor descreve as funções prosódicas dentro de três planos: o linguístico eparalingüístico; e o extralingüístico.

No primeiro plano, o linguístico e paralingüístico, distinguem-se, de acordo com o autor, as funções discursivas, como os marcadores de turno, modalidade da frase, entre outros; as funções demarcativas, os indicadores de constituintes prosódicos como sílabas, palavras fonológicas, grupos acentuais, entre outros; e as funções de marcação de proeminência, saliência de um constituinte prosódico em relação a outro.

No segundo plano, o expressivo, o autor refere-se às funções prosódicas atitudinais, como atitude, postura interpessoal, estilo de elocução; funções afetivas, emoções como tristeza, alegria, raiva e afetos como o humor; e as funções indiciais, como gênero e sexo, origem dialetal e social, entre outras.

3.2.3 A prosódia dentro dos estudos fonéticos e fonológicos

Ao situar os estudos sobre prosódia dentro dos estudos linguísticos e estabelecer algumas de suas funções, é preciso definir a área ou áreas da linguística em que esses estudos vão ser desenvolvidos. Essas áreas dizem respeito à Fonética e à Fonologia.

Inicialmente, é necessário distinguirmos as diferenças e semelhanças relacionadas aos estudos em Fonética e Fonologia, e para isso é preciso considerar o que Cagliari (2007) diz a esse respeito. O autor argumenta que:

[...] muitos foneticistas têm dificuldades em separar Fonética de Fonologia, preferindo se ater ao material da fala, deixando de lado o aspecto sistemático da linguagem da qual a fala é apenas uma manifestação.” (CAGLIARI, 2007, p. 34)

A partir dessa consideração, podemos apontar duas áreas de estudo pertencentes à linguística, a Fonética e a Fonologia.

Cagliari (2006) caracteriza a Fonética como a área de investigação mais antiga da humanidade, no que diz respeito aos estudos da linguagem. Segundo ele, “Todos os criadores de sistemas de escrita tiveram que buscar na observação da fala as diretrizes para a formação dos sistemas de escrita.” (CAGLIARI, 2006, p. 01) Essa área de estudo da linguística se interessa pelos sons da linguagem em geral, buscando investigar suas características físicas e articulatórias. Dessa forma, conforme Bisol (2001), a Fonética estabelece como objeto de estudo a realidade física dos sons produzidos pelos falantes de uma língua, do ponto de vista acústico, articulatorio e auditivo.

A Fonologia, por sua vez, investiga a forma como os sons são organizados dentro do sistema da língua, e define como objeto de estudo, de acordo com a mesma autora, o fonema, sons que são definidos pela sua relação de oposição, capazes de distinguir significados. Essa área de estudo, como mostra Abaurre (1993), busca investigar a função desses sons como pertencentes ao sistema linguístico e suas relações de oposições, a forma como esses sons (fonemas) se organizam dentro do sistema de cada língua, permitindo que a comunicação se realize.

Apesar de serem áreas distintas dentro dos estudos linguísticos, é possível perceber a forte relação de interdependência entre os estudos de fonética e fonologia e seus objetos de estudo, os sons e os fonemas, respectivamente. No entanto, como esclarece Bisol (2001), são disciplinas distintas, que apresentam objetivos independentes.

No que diz respeito aos estudos em prosódia, o termo é comumente tratado dentro dos estudos fonéticos e fonológicos. Atualmente, observa Pacheco (2006), o termo prosódia pode ser abordado em diferentes formas e por diferentes pesquisadores em se tratando dos estudos da fala e da linguagem.

Em uma perspectiva fonética, muitos pesquisadores trazem o termo prosódia observando a sua realização sonora, que, segundo Pacheco (2006), pode ser considerada como sinônimo de traços supra-segmentais, como: *pitch*, tempo, vozeamento, pausa, dentre outros. Essa concepção fonética sobre prosódia está relacionada aos parâmetros acústicos de

frequência fundamental (F0), como aponta Pacheco (2006) baseada em Cutler, Dahan, Van Donselaar, (1997).

Em uma perspectiva fonológica, o termo prosódia, de acordo com Pacheco (2006), é visto por alguns estudiosos por meio de uma concepção abstrata, que não tem relação com o enunciado ao ser realizado. Nesse caso, o termo prosódia diz respeito a uma organização hierárquica dos sons das línguas naturais. Pacheco (2006) diz que essa visão fonológica segue a proposta de Shattuck-Hufnagel e Turk (1996), que observam a organização dos segmentos em constituintes de nível mais alto e o padrão de proeminências relativas a partir desses constituintes.

Pacheco (2006) aponta, referindo-se aos autores Cutler, Dahan, Van Donselaar, (1997), uma abordagem intermediária entre a perspectiva fonética e a perspectiva fonológica, ao tratar os estudos em prosódia. Nesse caso, o termo prosódia diz respeito a uma estrutura abstrata integrada a determinada realização particular. Do ponto de vista de Shattuck-Hufnagel e Turk (1996), como mostra a autora, a posição intermediária entre as duas perspectivas dentro dos estudos prosódicos, “[...] inclui níveis altos de organização, com suas fronteiras de constituintes e proeminências, e o reflexo dessa organização nos padrões de F0, duração e amplitude, por exemplo, dentro do enunciado.” (PACHECO, 2006, p. 44)

Esses estudos em prosódia são tratados por meio de alguns modelos teóricos, tanto na perspectiva fonética quanto na perspectiva fonológica. Ao apontar a importância desses estudos, a partir dos diferentes modelos, Pacheco (2006) afirma que:

[...] No conjunto, esses modelos conseguem dimensionar o alcance da importância fundamental da prosódia para as línguas como um todo bem como em turnos conversacionais, evidenciando que a prosódia é um determinante intrínseco da língua falada, como lembram Cutleretal (1997), sendo parte integrante na constituição do sistema fonológico, na organização sintática e na estruturação da situação comunicativa. (PACHECO, 2006, p.61)

Numa perspectiva fonética, foi formulado por Haliday (1970) um modelo teórico que descreve, além de aspectos fonológicos, os aspectos fonéticos sobre os estudos prosódicos. Esse autor, segundo Pacheco (2006), propõe um modelo descritivo do sistema entoacional do inglês que relaciona a fonologia aos diferentes níveis da gramática. Pacheco (2007) diz que:

Esse autor propõe, em linhas gerais, o grupo tonal (GT) como unidade rítmica e entoacional, que é delimitado por um padrão entoacional chamado tom e é delimitado por duas barras(/). Um GT pode ser constituído por um

ou mais pés - unidades de duração compreendidas entre duas tônicas, marcados por barras inclinadas, postas no início da sílaba que contém a tonicidade(/). Um dos pés terá uma sílaba tônica saliente que dividirá o GT em dois componentes tônicos (CT) obrigatório, delimitando a partir da tônica saliente, e um componente pretônico (CPT) não obrigatório, que engloba tudo que precede a tônica no GT. (PACHECO, 2007, p. 45)

Na perspectiva fonológica, são frequentemente citados dois modelos teóricos que buscam esclarecer sobre os constituintes prosódicos e sua organização hierárquica, são eles: a Fonologia Entoacional e a Fonologia Prosódica.

O estudo sobre Fonologia Entoacional surge, como indica Pacheco (2006), a partir do trabalho de Pierrehumbert (1980), que buscou representar, por meio de um sistema, a entoação do inglês, quando,

Para essa autora, é possível, para uma língua, a existência de diferentes tons que são alinhados em temas diferentes. Nesse trabalho há uma caracterização das regras que norteiam a representação subjacente do Inglês dentro de realizações fonéticas. (PACHECO, 2006, p. 57)

Ladd (1980), citado por Pacheco (2006), argumenta que as ideias propostas por Pierrehumbert (1980) despertaram uma necessidade para a criação de um modelo teórico, a Fonologia Entoacional. Com isso, Ladd (1996) “[...] defende a ideia de que a entonação, e o *pitch* em particular, tenham uma organização fonológica própria, propondo assim, dessa forma, a Fonologia Entoacional.” (PACHECO, 2006, p. 58)

A Fonologia Prosódica é, por sua vez, descrita por Mira Mateus (2004) como

[...] uma teoria do modo como o fluxo da fala é organizado num conjunto finito de unidades fonológicas. A fonologia prosódica é também uma teoria das interações, ou seja, das relações de interface entre a fonologia e as outras componentes da gramática, mediadas pela prosódia. (MIRA MATEUS, 2004, p. 07)

Para a autora, Nespor e Vogel, na publicação da obra *Fonologia Prosódica*, de 1986, tinham como objetivo “[...] esclarecer e organizar os problemas postos pela importância que assumem os traços prosódicos no funcionamento das línguas.” (MIRA MATEUS, 2004, p. 07) Nessa obra, as autoras afirmam que esses traços reúnem os segmentos nos níveis: fonológico, morfológico, sintático e semântico; e se referem aos aspectos rítmicos e de significação das línguas. A partir disso, as autoras, conforme Mira Mateus (2004), defendem a

existência de constituintes prosódicos hierarquicamente organizados que possibilitam a formação de padrões prosódicos das línguas, a sua combinação e análise.

Com base na proposta de Nespor e Vogel (1986), Bisol (2001) faz uma abordagem sobre os constituintes prosódicos e sua organização hierárquica. Inicialmente, a autora traz uma definição para a palavra constituinte, dizendo que essa palavra é uma unidade linguística complexa, composta por duas ou mais partes, que se interagem por meio da relação entre dominante e dominado. Esse constituinte é formado por uma cabeça e um ou mais dominados. A partir disso, é possível observarmos a organização hierárquica dos constituintes prosódicos apresentados pelo modelo teórico da Fonologia Prosódica.

Para a formação dessa hierarquia prosódica, Bisol (2001) apresenta alguns princípios, são eles:

i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa; ii) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte; iii) os constituintes são estruturas n-árias; iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w). (BISOL, 2001, p. 230-231)

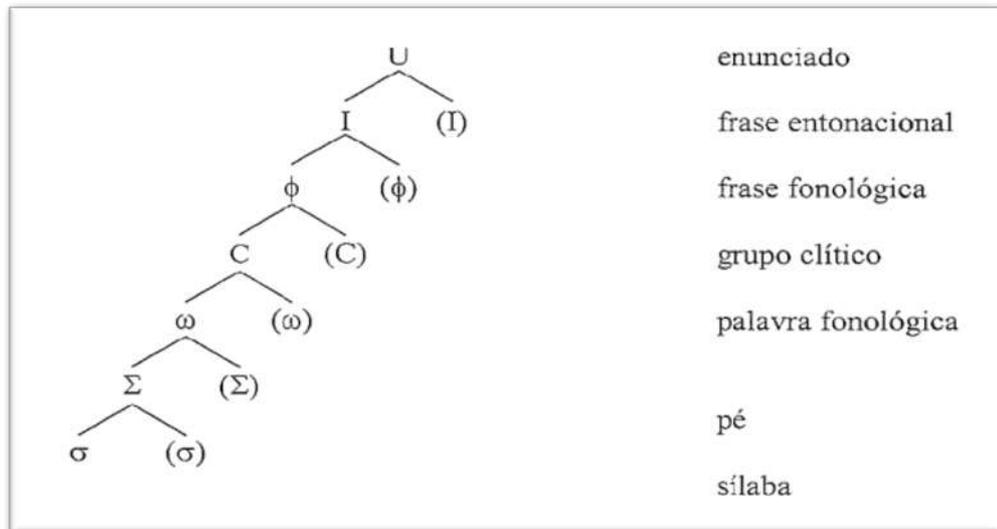
Bisol (2001), baseada na Fonologia Prosódica, apresenta a seguinte organização e definição para os constituintes, desde o nível mais baixo até o nível mais alto:

- A sílaba é a unidade prosódica que representa o nível mais baixo da hierarquia, sendo seu domínio a palavra fonológica, ainda que intermediada pelo pé métrico;
- O pé métrico pode ser definido como a junção de duas ou mais sílabas, existindo uma relação de dominância, em que uma sílaba é o cabeça e as demais o recessivo;
- A palavra fonológica se encontra em um nível hierárquico acima do pé métrico. Esse nível, segundo Bisol (2001), faz a mediação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática;
- Em um nível acima da palavra fonológica, está o grupo clítico, que é formado por um ou mais clíticos e uma única palavra fonológica;
- Em seguida, o nível da frase fonológica que se constitui por um ou mais grupos clíticos, ou seja, níveis mais baixos na hierarquia, o grupo clítico e a palavra fonológica;
- A frase entoacional é um nível que agrupa um conjunto de frases fonológicas ou uma frase fonológica apenas;

- Enfim, o nível mais alto da hierarquia prosódica, o enunciado.

Em resumo, como apresentado acima, os sete níveis na organização hierárquica seguem a seguinte ordem: sílaba < pé < palavra fonológica < grupo clítico < frase fonológica < frase entoacional < enunciado.

Figura 3 - Organização Hierárquica dos Constituintes Prosódicos



Fonte: http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/42/el42_v2_maio-ago_t04.pdf

Depois de compreendermos melhor os estudos em prosódia e as suas ramificações teóricas, destacamos o estudo sobre o ritmo, uma propriedade prosódica, como fundamental para uma análise acústica da fala disártrica.

3.3 Ritmo

A área mais afetada no funcionamento da linguagem na disartria diz respeito à prosódia, e mais especificamente à organização do ritmo da fala. Para uma melhor compreensão sobre esse aspecto da linguagem na disartria, precisamos observar e compreender os estudos da linguagem que abordam o ritmo como fundamental na organização da língua como um todo.

O ritmo é uma propriedade supra-segmental, que, conforme Cagliari (2007), merece mais atenção do que se tem dado até o momento. Esse autor busca descrever essa propriedade supra-segmental apontando suas principais características, pois, segundo ele, “O ritmo é um tipo de simetria, uma harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares.”

(CAGLIARI, 2007, p. 132), e que pode ser compreendido como variações de unidades equivalentes à extensão da sílaba no decorrer do enunciado.

Ao tratar sobre ritmo, devemos considerar dois aspectos intrinsecamente relacionados a ele, tempo e duração. Para a percepção do ritmo, ocorre uma repetição de uma unidade rítmica que se desdobra no tempo.

A repetição de certo modo segmenta o contínuo do movimento em pedaços. Esses pedaços ou unidades rítmicas, obviamente, possuem uma certa duração que pode ser medida e controlada pelo observador e, portanto, podem ser comparadas com a expectativa que se tem delas. (CAGLIARI, 2007, p. 132-3)

Partindo desse princípio de repetição, Cagliari (2007) distingue de modo geral dois tipos de ritmo: o ritmo fixo, quando ocorre uma repetição constante de um padrão básico; e o ritmo variado, quando ocorre uma sucessão de marcas rítmicas com uma regularidade que não é constante ao longo do tempo. Na análise dos dados, veremos que o caso do sujeito disártrico em estudo nos mostra que o ritmo pode ser alterado em uma patologia, porém um ritmo é mantido, seguindo o princípio de repetição apresentado por Cagliari (2007), que no caso desse sujeito, apresenta um ritmo fixo.

Para a investigação prosódica na fala disártrica observamos três parâmetros, dentre outros, fundamentais para a manutenção do ritmo na fala, são eles:

- A duração, que é um parâmetro rítmico relacionado ao tempo gasto na produção de determinado segmento, sílaba ou enunciado, que ora são emitidos por meio de um alongamento ora por meio de redução no tempo de produção, ou como nas palavras de Crystal (2000) “[...] é a extensão de tempo envolvida na articulação de um som ou sílaba. A duração absoluta dos sons da fala, até certo ponto depende do tempo global do enunciado.” (CRYSTAL, 2000, p. 89)
- A velocidade de fala, que, conforme Cagliari (2002), diz respeito ao “[...] modo mais acelerado ou desacelerado (retardado) de falar em contextos longos.” (CAGLIARI, 2002, p.27), ou seja, a velocidade com que são produzidos os segmentos, sílabas ou enunciados.
- A pausa, que, por sua vez, pode ser definida como a “[...] suspensão da elocução que ocorre, normalmente, na fronteira de constituintes ou segmentos.” (BALIEIRO JR, 2001, p. 122). A pausa é usada, em momentos oportunos pelo falante, para a respiração durante a fala. Cagliari (1992) diz que “O uso de pausa ‘fora do esperado’ representa uma hesitação, o que revela uma re-organização do processo de produção

da fala [...]” (CAGLIARI, 1992, p.143) Existe também a pausa estratégica, que, segundo Cagliari (2002), é utilizada pelo falante para retomar e preencher espaço no ritmo.

Assim, podemos afirmar que a regularidade percebida, que é o que caracteriza o ritmo, é obtida pela combinação e organização das pausas inseridas, da velocidade com que um enunciado é proferido e pela duração com que o mesmo é realizado.

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

4.1 ECOA: espaço onde ecoa a linguagem

O Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO) é um espaço de interação entre pessoas com e sem patologias de linguagem que participam de situações reais de uso social da linguagem, sejam elas verbais ou não verbais, por meio de práticas enunciativo-discursivas. O ECO foi criado a partir da necessidade de observarmos de perto a linguagem em funcionamento em sujeitos com diferentes patologias de linguagem como afasia, disartria, Alzheimer, Síndrome de Down, dentre outras.

Esse espaço de convivência foi idealizado pela Prof^ª. Dr^ª. Nirvana Ferraz Santos Sampaio e colocado em prática com a colaboração de investigadores (graduandos bolsistas e voluntários, pós-graduandos e professores na área de Neurolinguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) do Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN), na UESB.

As atividades desenvolvidas no ECO são pensadas e executadas com base nos pressupostos teórico-metodológico da ND, a partir de práticas discursivas que inserem os sujeitos, com ou sem patologia, em um contexto comum ao dia-a-dia, ou seja, em situações comunicativas que fazem sentido para os que ali participam.

Consideramos fundamental para os encontros realizados no ECO a utilização de atividades epilinguísticas indispensáveis para o processo de reorganização da linguagem. Essas atividades enfatizam a necessidade de olharmos para a linguagem como algo em construção/reconstrução, visão esta diferente de uma visão tradicional, em que são trabalhadas atividades descontextualizadas baseadas em testes metalinguísticos.

O trabalho realizado no ECO é dividido em duas etapas, são elas: reuniões individuais, com duração de aproximadamente uma hora e meia, onde estão presentes o sujeito e o investigador; e reuniões em grupo, com duração de aproximadamente duas horas e meia, onde se reúnem todos os participantes do ECO.

Em ambas as reuniões, trabalhamos com atividades epilinguísticas e linguísticas, realizadas por meio de conversas espontâneas, quando os participantes contribuem com suas experiências semanais exteriores ao grupo, no seu cotidiano; outras atividades são aquelas que por meio de jogos, brincadeiras, dinâmicas, dentre outras, os participantes interagem, de forma espontânea, colocando em prática o funcionamento de sua linguagem, a fim de ampliarem as possibilidades linguístico-cognitivas desses sujeitos.

Para constituição do *corpus* a ser utilizado nessa pesquisa, buscamos gravar o sujeito disártrico em atividades significativas para retirarmos os dados-achados, “[...] produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento [...]” (COUDRY, 1996, p. 183)

Para a seleção dos dados, buscamos avaliar os que se caracterizavam, como descrito por Coudry (1996), por dado-achado. Dados que se sobressaem em meio a situações muitas vezes confusas e de difícil compreensão, no caso da fala disártrica. A partir disso, com base nos pressupostos teóricos descritos nesta dissertação, procedemos a análise dos dados a fim de compreendermos as alterações na linguagem em funcionamento na disartria, em especial na fala disártrica de RA.

Os encontros com os sujeitos são gravados, por um aparelho gravador Sony, modelo ICD-PX312, nos encontros individuais, e por uma câmera filmadora Sony, modelo HDR-XR160, e aparelho gravador Sony, de mesmo modelo citado, nos encontros em grupo. Outros aparelhos utilizados são: notebook, data show. Para coleta de dados, foram selecionados diversos textos para leitura, dentre eles fábulas, histórias em quadrinhos, piadas, revistas, músicas, atividades de jogos e dinâmicas. Depois de gravadas, as sessões são transcritas e analisadas com base na ND. Nesse sentido, no decorrer de três anos, RA foi acompanhado longitudinalmente.

Durante as reuniões individuais com RA, trabalhamos a linguagem por meio de várias atividades, como já citado. No entanto, para entendermos e acompanharmos de forma mais precisa a sua linguagem em funcionamento, utilizamos a leitura como uma forma de intervenção, pois assim conseguimos “frear” a sua velocidade de fala e visualizar o que seria falado durante a leitura. Isso nos proporcionou melhores resultados, já que conduzíamos a leitura do texto na tentativa de reduzir a velocidade com que RA lia as palavras e frases.

Quanto às questões éticas, trabalhamos para que a pesquisa não desenvolva riscos ou desconforto para os participantes. Nesse sentido, é responsabilidade do investigador de prestar todos os esclarecimentos necessários durante o curso dos encontros para desenvolvermos a referida pesquisa. São garantidos sigilo e privacidade de todas as informações confidenciais colhidas durante a pesquisa. A pesquisa passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e foi aprovado, apresentando o parecer de número 608.808. Após a aprovação RA assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo modelo segue em anexo.

4.2 Descrição do Sujeito

RA é um homem de trinta anos de idade, que atualmente reside em Vitória da Conquista. Nasceu no dia vinte e seis de julho de 1984. Filho único por parte de mãe, pertence a uma família de nível sócio-econômico-cultural médio, cujos pais são separados.

Frequentou a escola normalmente até concluir o 2º grau completo, apesar de, segundo ele, não gostar de estudar. Durante a sua vida, já morou em várias cidades, sendo natural de Vitória da Conquista, Bahia. Cresceu tendo como inspiração profissional o seu pai, caminhoneiro, que sempre que podia o levava durante as viagens. Isso fez com que RA despertasse o interesse pela profissão de dirigir. Aos 25 anos começou a viajar sozinho, tornando realidade o seu sonho de ser caminhoneiro.

No entanto, no dia vinte e sete de julho de 2011, um dia após seu aniversário, RA sofre um acidente automobilístico, quando voltava do Rio de Janeiro para Vitória da Conquista, durante a passagem pelo estado de Minas Gerais - MG. RA foi socorrido pelo corpo de bombeiro e internado na UTI do hospital mais próximo, permanecendo em coma por vinte e sete dias.

Como consequência do acidente, RA teve um traumatismo cranioencefálico (TCE), deixando como seqüela hemiplegia à direita e, segundo relatório médico, a afasia, uma patologia de linguagem.

Nos primeiros dias após o coma, RA apresentava-se agressivo, não reconhecia as pessoas e não conseguia andar. Aos poucos foi ocorrendo uma reorganização cerebral, quando RA começou a retomar a memória, deixando o comportamento agressivo e voltando a andar, inicialmente com muitas dificuldades, principalmente nos movimentos do lado direito do corpo, que atualmente estão em sua maior parte normalizados. RA apresenta, assim, consequências maiores no funcionamento de sua linguagem, antes totalmente comprometida e agora com melhoras significativas.

Após o acidente, RA, em busca de sua recuperação, fez tratamentos com diversos profissionais, como neurologista, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, psicólogo, otorrino, que contribuíram, de alguma maneira para a sua melhora. Atualmente ele é acompanhado apenas pelo neurologista, na área médica, e por investigadores do Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN), da UESB.

Atualmente RA mora com a mãe e com a avó. Ele sonha em voltar a dirigir caminhão e trabalhar profissionalmente como antes, pois, segundo ele, este foi apenas um sonho interrompido e jamais abandonado, que logo quando estiver em condições físicas e

linguísticas voltará a exercer. Consideramos esta a sua maior motivação para alcançar a sua recuperação.

RA, assim como qualquer pessoa, tem planos e sonhos para o futuro. Primeiramente, voltar a dirigir, como já foi dito, e, segundo, seu casamento, pois está noivo e pretende se casar no final do ano.

4.3 Descrição do Caso

RA chegou ao ECOA em março de 2012, direcionado por um neurologista. Pouco sabíamos sobre o seu caso clínico, somente algumas informações do relatório médico e de relatos de sua mãe. Segundo ela, após o TCE, RA não falava, tendo dificuldades de se expressar. Naquele momento, RA era acompanhado por alguns profissionais e, dentre eles, um fonoaudiólogo, que trabalhava a retomada do funcionamento de sua linguagem por meio de atividades tradicionais.

Em seguida, em cinco de maio de 2012, recebemos um relatório médico que descrevia os distúrbios da fala de RA, a afasia persistente como sequela do TCE. Com isso, apoiados nesse relatório médico, observamos os distúrbios da linguagem de RA como consequência de uma afasia. No entanto, no decorrer do acompanhamento e com a reorganização cerebral, percebemos, também apoiados em uma avaliação de uma profissional especializada em Neurolinguística e Fonoaudiologia, que os distúrbios da linguagem de RA eram consequentes de uma disartria, já que em sua fala haviam distúrbios de ordem linguística característicos da disartria.

Consideramos também, de acordo com os exames de RA, que ele não teve uma lesão focal e sim, como consequência do TCE, uma lesão difusa, quando ocorre em seu cérebro um “deslocamento”. Dessa forma, com base na literatura e nos exames, direcionamos os nossos estudos para a linguagem em funcionamento na disártrica, apoiados no referencial teórico-metodológico da ND.

4.4 Gravações das leituras para análise acústica

A fim de analisarmos o funcionamento de aspectos prosódicos na fala de RA, realizamos a gravação da leitura de alguns textos por RA, sujeito disártrico, durante sessões do acompanhamento longitudinal, e por JM, sujeito não disártrico, em dias específicos, para

fins de comparação. Ambos do sexo masculino; apresentam o mínimo de escolaridade, o 2º grau completo; e a mesma faixa etária.

Para a coleta dos dados, escolhemos dois momentos: a coleta de dados por meio do acompanhamento longitudinal e a coleta de dados experimentais, realizada no Laboratório de Pesquisa em Fonética e Fonologia (LAPEFF), quando gravamos as leituras de RA e de JM utilizando uma câmara acústica para a produção dos sons sem interferência do meio.

Para a análise, selecionamos quatro textos⁶, de fácil leitura e compreensão, para que ambos lessem. Os textos foram: A comunicação ontem e hoje; O passarinho e o motoqueiro; O carvalho e os juncos; e As lebres e as rãs. As gravações foram feitas em local com maior silêncio possível, e posteriormente passadas para o computador e analisadas via Praat⁷, versão 5.3.84, um software desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdam. A análise foi feita observando a duração e a localização das pausas realizadas pelos dois sujeitos e comparadas entre si, por meio de tabelas e gráficos. Observamos, também, a duração segmental e a estrutura silábica da fala de RA.

4.5 Descrição dos parâmetros avaliados

a) pausas

Consideramos como pausa a ausência de vocalizações, identificada no Praat pela ausência de formas de ondas. Para obtermos o valor da duração de cada pausa, foi considerado o intervalo entre o fim da forma de onda de uma palavra e o início da forma de onda da palavra seguinte, identificadas nas imagens espectrográficas. Por meio de tabela, apresentamos a duração em segundos de cada tipo de pausa.

b) duração sintagmática

Para analisarmos a duração sintagmática na fala de RA, selecionamos dados nos quais as pausas separavam a fala em dois momentos. Assim, fomos capazes de mensurar a duração dos enunciados antes e depois da pausa. A mensuração foi realizada via Praat, observando o

⁶ Disponíveis em anexo, com respectivos endereços eletrônicos.

⁷ Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

tempo de duração em segundos. Seleccionamos exemplos representados por meio de espectrograma e apresentamos os valores obtidos nas durações por meio de tabelas.

c) estrutura silábica

Analisamos a estrutura silábica da fala de RA a fim de observarmos a sua organização interna, que foi alterada. Isso acontece quando ocorre posições vazias em sílabas complexas CCV e CVC. Para isso, descrevemos via Praat e por meio de espectrograma a eliminação de constituintes silábicos.

d) velocidade de fala

A velocidade de fala é um parâmetro fundamental para analisarmos a fala de RA, em especial o ritmo. Por isso, por meio do Praat, mensuramos o tempo de duração, em segundos, dos constituintes sintagmáticos a fim de verificarmos a velocidade em que RA faz a leitura dos textos. Observamos essa duração antes e depois das pausas para compararmos a velocidade em que são produzidas as partes dos sintagmas nesses dois momentos.

CAPÍTULO 5: RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 A fala de RA nas práticas discursivas em situações dialógicas

As práticas discursivas em situações dialógicas possibilitam ao sujeito disártrico colocar a sua linguagem em funcionamento, permitindo, assim, que ele se relacione com o meio em que vive, ou seja, com as pessoas, com a cultura, com a língua e com ele mesmo enquanto sujeito de linguagem que reconhece e lida com a sua patologia.

Considerando a importância das práticas discursivas para a reorganização da linguagem de RA, descrevemos abaixo amostras do trabalho realizado com esse sujeito e o que acontece com a sua linguagem em funcionamento. Para isso, coletamos os dados através do acompanhamento longitudinal, como procedimento metodológico, a fim de apreendermos os mecanismos neurolinguísticos presentes na linguagem do sujeito disártrico em sua condição patológica.

Os quadros abaixo mostram dados que foram transcritos e analisados para observarmos o trabalho de reorganização da linguagem de RA com base nos pressupostos linguísticos e neurolinguísticos.

O quadro abaixo é um recorte do momento inicial da reunião do dia 15-05-12, em que a investigadora não interfere na produção da fala de RA. A observação do dado nos mostra como a fala de RA se torna ininteligível quando ocorre de forma espontânea.

Quadro 1 - Sobre o fim de semana

Sessão: 15-05-12

Contexto: Logo no início da reunião Idp e RA conversam sobre o final de semana de RA. Este conta onde passou esses dias.

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Idp	E aí?		
RA	Bom.		
Idp	Como vai, bem?		
RA	Bem.		
Idp		Risos	
Idp	Como tem passado?		
RA	Bem.		
Idp	Como foi o final de semana?		

RA	Bom/ bom./<Sí>tio/ <sí>tio (palavra ininteligível), fui/ sítio/sítio*.	Dificuldade em produzir a primeira sílaba da palavra sítio; ocorre um número excessivo de pausas; produz as palavras com maior velocidade.	
RA	(frase ininteligível)... dormi lá.		
RA	(frase ininteligível) ...sóvei (frase ininteligível)		
Idp	E foi bom?	Refere-se ao fato de RA ter ido ao sítio.	
RA	Foi bom/ foi bom	Produz a frase com repetição e velocidade.	
	Recorte		
Idp	Você dormiu lá a semana toda ou só na sexta e sábado ou vários dias?	Ainda não tinha entendido se RA esteve no sítio a semana toda ou só no final de semana, pois ele costumava frequentar o sítio durante a semana.	
RA	Sex::ta/ sexta/sábado (difícil compreensão)	Dificuldade em produzir a palavra sexta; ocorre repetição e excesso de pausas.	
Idp	Sexta e sábado e de sábado para domingo.		
RA	(frase ininteligível)		
Idp	E foi bom?	Refere-se ao fim de semana.	
RA	Oh::!	Risos	
Idp	Divertiu?		
RA	Muito/muito.	repetição	

*Símbolos: (/) indica pausa; (//) indica pausa prolongada; (<>) indica palavra ou sílaba de difícil compreensão; (::) indica segmento produzido com prolongação.

Fonte: elaboração própria

Os dados apontam alterações no ritmo, o que prejudica a velocidade, o uso correto de pausas, comprometendo consequentemente a estrutura das palavras, quando elas são pronunciadas de forma rápida. Essa velocidade produz, em todo momento, uma repetição

involuntária por parte do sujeito, o que acaba ocasionando em conjunto com as outras alterações uma imprecisão articulatória, uma fala ininteligível e uma difícil compreensão por parte dos ouvintes.

Apesar das dificuldades de RA na produção da fala espontânea, é possível manter o diálogo, permitindo a ele assumir o seu papel de interlocutor. Nesse momento, o investigador participa do processo de reorganização da linguagem, direcionando RA na retomada do diálogo. Dessa forma, por meio do acompanhamento longitudinal, o investigador faz o papel de mediador entre o sujeito disártrico e a sua linguagem.

Quadro 2 - Fragrâncias Importadas

Sessão: 04-12-12

Contexto: RA e Idp conversam sobre um panfleto de propagandas de fragrâncias originais importadas, distribuído por uma colega do grupo. RA realiza a leitura, com dificuldades, seguindo o modelo padrão direcionado por Idp.

Início da Leitura:

1' - **RA: Empresa / em plena/ <expansão> / procura // <distribuidores> / independentes.***

2' - Idp: Eu vou ler pra você ver qual é o meu ritmo:

Empresa em plena expansão / procura distribuidores independentes.

3' - Idp (aponta o momento em que as pausas deveriam ocorrer)

4' - **RA: Empresa em plena expansão / <procura><ditibuidores><independentes>.**

RECORTE

5' - Idp: Então vamos falar essa palavra aqui: distribuidores.

6' - **RA: <ditibuidores> (pouco legível e com o volume baixo)**

7' - Idp: dis...

8' - **RA: <dis::tribuidores>, <dis::tribuidores>**(a palavra é pronunciada ainda com dificuldades, porém compreensível pelo interlocutor)

9' - Idp: distribuidores... (?) (indicando para RA que é para ele pronunciar a palavra seguinte também).

10' - **RA: distribuidores <independentes>, <independentes>**

*Símbolos: (1') indica a linha citada; (/) indica pausa; (//) indica pausa prolongada; (<>) indica palavra de difícil compreensão; (::) indica segmento produzido com prolongação.

Fonte: elaboração própria

Os dados acima demonstram as dificuldades na reorganização da linguagem de um sujeito disártrico, quando o padrão rítmico de sua fala foi alterado. No trecho transcrito, RA pronuncia a frase com um número de pausas (indicado pelas barras) fora do padrão proposto

pela língua, isso, em conjunto com suas dificuldades em manter, a depender do contexto, a estrutura silábica, fazendo com que a sua fala se torne incompreensível pelo interlocutor. Porém, a partir do instante em que houve uma indicação do momento em que deveria ocorrer a pausa, RA realiza corretamente o direcionamento proposto por Idp, como indicado nas linhas 2 e 4. No entanto, RA apresenta dificuldades em realizar os segmentos internos nas palavras e também em pronunciar com um volume mais alto. Nesse sentido, o sujeito disártrico perde a precisão na produção dos movimentos necessários para a realização dos segmentos. Isso ocorre devido ao fato de RA direcionar a sua atenção ao ritmo correto da frase.

As repetições monitoradas pelo investigador fazem com que RA perceba onde está a sua dificuldade e como reorganizar o ritmo que foi alterado, como ocorre, por exemplo, nas linhas 4 e 8. Essa velocidade de fala faz com que alguns segmentos sejam produzidos com dificuldades, e até são omitidos a depender do contexto em que estejam inseridos, indicado nas linhas 6 e 8, quando RA pronuncia a palavra *distribuidores*, omitindo o segmento *s* no final da primeira sílaba, e o *r* do encontro consonantal da segunda. Ao repetir as palavras, RA busca, a cada repetição, encontrar uma forma de superar suas dificuldades, como mostra a linha 8, até que, com a ajuda do mediador, consegue pronunciar melhor os segmentos antes não produzidos.

Quadro 3 - gastar → acabar

Sessão: 04-12-12

Contexto: Esse dado surge no contexto em que RA explica a Idp que as fragrâncias importadas são fortes e por isso demoram para terminar.

- 1'- RA: (Conversando sobre as fragrâncias importadas, RA conta a Idp que já ganhou uma fragrância dessas)**
- 2'- RA: Pra <cata> / demorou/ muito.***
- 3'- Idp: Pra o quê?
- 4'- RA: Cata/ castar/ gata/ gastar/ gastar/ acabar.**
- 5'- Idp: Entendi. Agora eu quero que você fale essa palavra.
- 6'- RA: Acabar/ demorou/ bastante.**
- 7'- Idp: Não. A outra palavra.
- 8'- RA: Gata/ gata/ Gasta.**
- 9'- Idp: Vem daqui o som oh... (apontando para a garganta)
- 10'- RA: Gasta**

11'- Idp: Gas::tar::

12'- RA: Gas:tar/ gas:tar;

Recorte

*Símbolos: (1') indica a linha citada; (/) indica pausa; (//) indica pausa prolongada; (<>) indica palavra de difícil compreensão; (::) indica segmento produzido com prolongação.

Fonte: elaboração própria

O dado acima, aponta uma alteração fonética na fala de RA, em que ocorre uma troca do som [g] por [k], como mostra a linha 1. Nesse caso, acontece uma troca no traço de sonoridade, em que o traço [+ sonoro] é substituído pelo traço [- sonoro]. Esses segmentos se diferenciam apenas nesse traço, na sonoridade, pois são consoantes oclusivas, quanto ao modo de articulação, e são velares, quanto ao ponto de articulação. O que acontece é que [g] é produzido com vibração das cordas vocais, enquanto [k] é produzido sem vibração das cordas vocais.

É importante salientar que essa troca entre traços de segmentos não é um dado constante na fala de RA. Isso ocorre em momentos específicos, quase raros, e somente como consequência da velocidade de fala que caracteriza a sua produção verbal. Na tentativa de falar a palavra *gastar*, RA pronuncia de forma rápida e confusa, o que faz com que haja uma troca comum entre segmentos de mesma natureza fonética.

Esse recorte aponta a consciência de RA ao pronunciar incorretamente a palavra, como aponta a linha 4. Ao se ouvir, RA busca, por meio de repetições, reorganizar a sua fala, tentando corrigir essa desordem.

Um outro ponto a ser observado é a forma que RA encontra para lidar com a dificuldade do interlocutor em compreender a sua fala, procurando uma alternativa para fazer-se compreendido. Para isso, ele lança mão de um processo alternativo de significação, quando, percebendo que Idp não conseguia compreendê-lo, ele faz uma substituição da palavra *gastar* pela palavra *acabar*, que apresenta o mesmo sentido naquele contexto.

RA realiza um processo de seleção descrito por Saussure (1916), no eixo associativo, quando as relações são feitas sem antes se prever o número de palavras sugeridas pela memória. Nesse caso, ao selecionar uma outra palavra, RA escolhe, em meio às possibilidades dispostas na mente, a palavra *acabar* para fazer-se entendido.

Um outro exemplo de seleção ocorreu quando RA fez a leitura do texto “O carvalho e o junco”. No primeiro parágrafo do texto, RA faz uma substituição da palavra *levado* para a palavra *jogado*, como mostra a transcrição a seguir.

Quadro 4 - levado → jogado

Sessão: 16-09-14

Contexto: Leitura do texto “O carvalho e os juncos”

RA- Um enorme carvalho / (ao)* ser puxado / do chão /pela força / de forte / ventania / rio abaixo
é jogado (levado) / pela correnteza.

*Símbolos: (x) Palavras não pronunciadas; (/) indica pausa

Fonte: elaboração própria

O dado acima corrobora o princípio de seleção presente na língua. A palavra *jogado* apresenta neste contexto um significado próximo da palavra levado, ou seja, ambas estão no mesmo campo semântico, o que permite que RA faça uma substituição, pelo eixo associativo, que não compromete o sentido do texto.

Dessa forma, percebemos que o sujeito lida com suas dificuldades a partir das possibilidades que a língua permite, como aponta a ND, e nesse caso, por meio dos processos alternativos de significação.

Nesse sentido, percebemos uma forte relação entre a Linguística e a Neurolinguística, quando a própria língua disponibiliza meios para o sujeito cérebro-lesado colocar a linguagem em funcionamento, como mostram os dados, em particular nos quadro 3 e 4, em que o princípio, tratado como relações associativas, possibilita a RA, sujeito falante, fazer rearranjos para assumir o seu papel de sujeito de linguagem.

5.2 Caracterização de parâmetros rítmicos da fala de RA

Como descrito na seção anterior, de um modo geral, a fala de RA apresenta, auditivamente, com frequência, inserções de pausa, produção acelerada dos enunciados, enfim, uma fala que foge ao esperado. Diante dessas constatações, as perguntas que nos fazemos é: qual a proporção da quantidade de pausas inseridas por RA; o que leva RA a pausar e a acelerar sua fala? As pausas colocadas por RA são todas da mesma natureza? Isso ocorrer aleatoriamente? Que estratégias RA utiliza para implementar seu ritmo na fala? Essas questões nos levaram a investigar acusticamente a fala de RA, de forma a analisar as suas colocações de pausas, as suas estruturas silábicas e a sua velocidade de fala com vistas a avaliar suas alterações prosódicas.

Nesta seção apresentamos os dados referentes à análise acústica da fala de RA, obtidos via Praat. O sujeito em questão foi vítima de um TCE que deixou como seqüela a disartria, caracterizada, neste caso, por alterações rítmicas na fala desse sujeito.

Nesse momento, apresentamos as análises dos dados que caracterizam a colocação e os tipos de pausas presente na fala de RA. Em seguida descrevemos a mensuração da duração segmental, e a análise do comprometimento da estrutura silábica na fala desse sujeito.

5.2.1 As pausas de um disártrico e um não disártrico: análise comparativa

A fala é organizada por unidades que formam um contínuo e deve ser pronunciada obedecendo à colocação dessas unidades em certos espaços dentro da frase, seguindo determinada cadência rítmica. A falta dessa cadência rítmica é uma das características da fala disártrica.

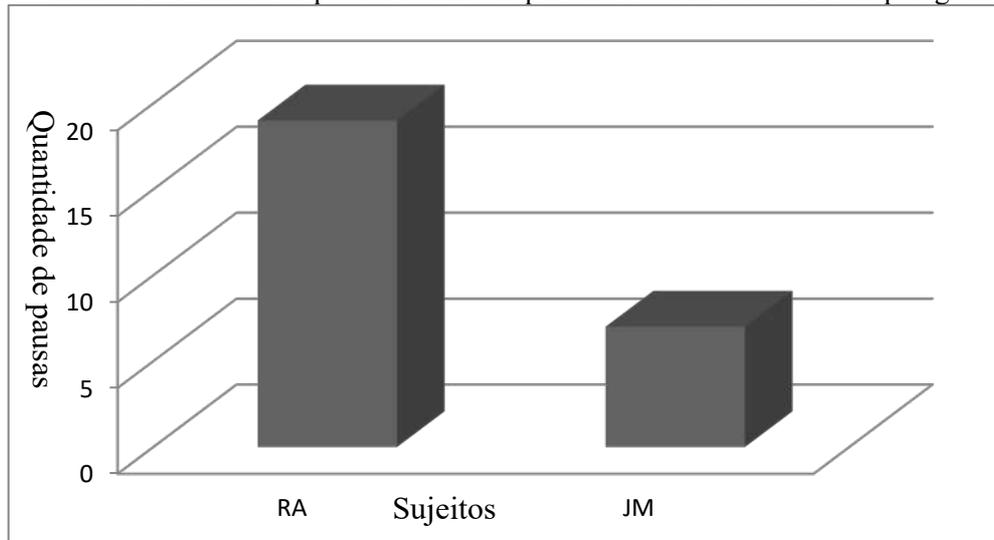
Apesar de as pausas serem uma unidade rítmica na fala, como mostramos na seção anterior, a fala de RA se destaca pela presença constante dessas unidades, o que passa a sensação para quem o ouve de uma fala cortada, sempre interrompida. Mas essas pausas de fato superam a quantidade de pausas usadas por uma pessoa sem disartria ou qualquer outro problema de fala?

Em um esforço de compreender o padrão rítmico da fala de RA, procedemos a comparação do número de pausas usadas por RA com o número de pausas usadas por JM, sujeito não disártrico, durante leitura do parágrafo abaixo:

Hoje em dia as pessoas têm condições de saber tudo o que se passa em seu meio e no mundo. Além disso, podem também comunicar-se facilmente com pessoas que estão distantes. Isso ocorre devido ao desenvolvimento dos diversos meios de comunicação. (DIEZ, 2001, p. 121-2)

Procedemos a comparação da colocação de pausas realizadas por RA e JM, o que nos levou a obter o seguinte gráfico:

Gráfico 1- Número de pausas realizadas por RA e JM na leitura de um parágrafo



Fonte: elaboração própria

Como podemos observar no gráfico 1, RA, durante a leitura do parágrafo citado, insere dezenove pausas, ao passo que JM, sujeito sem disartria, insere apenas seis pausas na leitura do mesmo trecho. Nesse sentido, podemos afirmar que RA realiza marcação de pausas de forma diferente de uma marcação prototípica. Assim, observamos, que em termos de quantidade de pausa, a fala de RA se diferencia em relação a sujeitos que não apresentam nenhum tipo de comprometimento no funcionamento da linguagem oral.

Em virtude da colocação excessiva de pausa, o contínuo sonoro da fala de RA é interrompido com mais frequência, causando dificuldades no ato da enunciação, o que faz com que o encadeamento da fala não seja realizado como o esperado em uma fala normal.

Diante desse número excessivo de pausas, RA interrompe o fluxo da fala em momentos inesperados, como podemos verificar na análise da colocação de pausas a seguir:

Quadro 5- Análise comparativa da localização de inserção de pausas feitas por RA e JM durante a leitura de um parágrafo

Hoje em dia / - as pessoas têm / condições / de saber * / - tudo / o que se / passa em seu meio / * e no mundo. * / - Além disso, * / - podem também comunicar-se / facilmente / - com pessoas / que estão distantes. * / - Isso ocorre, * - devido / ao desenvolvimento / * dos diversos meios de comunicação.

Onde:

- Pausa inserida por RA → indicada por (/);
- Pausa inserida por JM → indicada por (*);
- Pausa onde deveria acontecer pausa e não ocorreu → indicada por (-).

Fonte: elaboração própria

A língua possibilita à leitura do texto acima uma colocação diversa de pausas a depender do leitor e da sua entonação. Porém, essas diferentes colocações são de modo geral previstas e tidas como normais por diferentes leitores. No entanto, ao analisarmos a colocação de pausas feita por um leitor disártrico, percebemos um desvio do que seria considerado como padrão pela maioria das pessoas.

Podemos observar, no intervalo em que ocorre os sinais (/), (*), (-), uma coincidência entre as pausas de RA, (/), JM, (*) e onde deveria acontecer a pausa, (-). A pausa inserida por RA ocorre em quase todo momento, sendo difícil não haver coincidência em relação ao que deveria acontecer e não acontece. Somente em um momento RA não inseriu a pausa onde deveria de fato existir. Porém, isso não é regra, visto que a língua permite possibilidades de leituras. Em contrapartida, notamos uma ocorrência de pausas em momentos em que não são esperadas as pausas, produzindo, assim, um número excessivo de interrupções do contínuo da fala, o que faz com que a fala de RA se torne ininteligível para quem o ouve.

Percebemos que RA foge totalmente ao que seria o padrão esperado pela língua, o que ocorre devido às consequências da disatria.

5.2.2 Em meio às pausas: garantia de inteligibilidade e equilíbrio temporal

De um modo geral, percebemos na fala de RA um comprometimento bastante significativo no funcionamento de sua linguagem oral; percebemos uma fala acelerada, que modifica o padrão rítmico proposto pela língua.

Pelos resultados apresentados na seção anterior, 5.2.1, verificamos que a fala de RA se caracteriza por uma quantidade de pausas muito acima do esperado, o que torna a sua fala um tanto quanto fragmentada. Contudo, a questão que precisamos levantar é: em que momentos de sua fala RA insere as pausas? Essas pausas ocorrem de forma aleatória ou possui um certo padrão?

Para melhor compreendermos as alterações rítmicas na fala de RA, descrevemos abaixo a forma como RA utiliza a pausa ao colocar a linguagem em funcionamento, conforme a análise de alguns dados selecionados. As análises realizadas mostram que, ao contrário do que imagina, as colocações de pausas feitas por RA não são aleatórias e longe de serem caóticas. Verificamos uma regularidade na colocação de suas pausas que podem ser agrupadas em dois tipos como é apresentado na seção seguinte.

5.2.1.1 Os tipos de pausas na fala de RA

Ao analisarmos as gravações da fala de RA, observamos recorrentes inserções de pausas. A partir disso, distinguimos dois tipos de pausa: a) pausa reparadora (PR) e b) pausa separadora de constituinte sintagmático (PSCS).

a) Pausa reparadora – PR

A fala de RA é fortemente marcada por tentativas infrutíferas de realização de certas palavras. A cada tentativa infrutífera, RA busca realizar novamente a palavra alvo e na grande maioria das vezes a sua segunda tentativa é com êxito.

A análise das colocações de pausas feitas por RA mostrou que há sempre uma inserção de pausa entre uma produção pouco exitosa e uma produção satisfatória. A forma de RA recuperar o controle articulatório de suas palavras é silenciando-se e em seguida recomeçando. Nesse sentido, podemos afirmar que essa inserção de pausa feita por RA é uma tentativa de reorganizar sua linguagem, a fim de retomar a frase com maior clareza. Assim temos uma pausa reparadora.

Na tabela 1, apresentamos os valores, em segundo, das pausas reparadoras em alguns dos tantos contextos em que elas surgiram. O primeiro exemplo nos mostra que RA corrige a sua fala inserindo uma pausa para em seguida pronunciar corretamente como está escrito no texto. Assim também como ocorre nas demais situações. No trecho antes da pausa, RA apresenta dificuldades de produção. Ao perceber que a palavra alvo não foi produzida de forma inteligível, ele para a sua fala e recomeça na tentativa de se fazer compreender. Essa retomada ocorre também para reorganizar o que pretende pronunciar em seguida.

Tabela 1 - Exemplos de situações das falas de RA em que observamos a inserção de pausa reparadora e suas respectivas durações

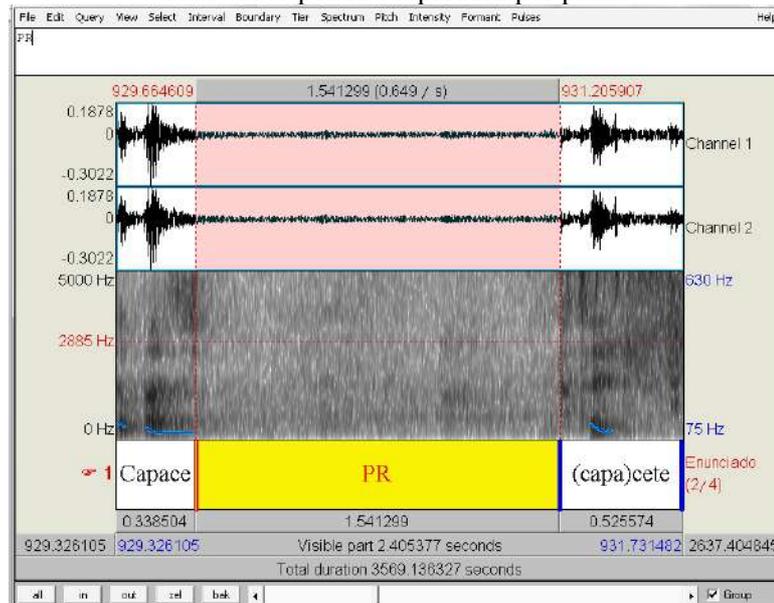
Exemplos de situações nas quais RA insere PR	Duração (s)
Uma lebres / uma das lebres	0.22
Não vamos / não devemos (repetição)	0.71
Hoje/ Hoje em dia	0.63
De saber/ de saber	0.28
Desenvolvimento/ desenvolvimento	0.89
Capacete / (capa)cete	1.54
Consciência / (cons)ciência	0.53
Todos / (to)dos	0.17

Assim / assim	0.23
---------------	------

Fonte: elaboração própria

A seguir apresentamos na figura 4, um espectrograma da palavra *capacete* realizada por RA por duas vezes. Uma antes da pausa de forma ininteligível e a segunda, depois da pausa de forma inteligível.

Figura 4 - Imagem espectrográfica e sua respectiva forma de onda da palavra *capacete* realizada por duas vezes por RA separadas por pausa



Fonte: elaboração própria via Praat

Como mostra o espectrograma acima, RA realiza uma pausa reparadora a fim de retomar a leitura com uma pronuncia mais inteligível. Essa pausa tem uma duração de 1.54s. Isso aponta a dificuldade que RA tem em pronunciar as palavras dentro de um contexto, e em um ritmo correto.

b) Pausa separadora de constituinte sintagmático – PSCS

O outro contexto de inserção de pausa observado por nós na fala de RA foi na separação de um único sintagma em duas partes, conforme alguns exemplos apresentados na tabela 2.

Tabela 2 - Exemplos de situações das falas de RA em que observamos a inserção de pausa separadora de constituintes sintagmáticos e suas respectivas durações

Exemplos de situações nas quais RA insere PSCS	Duração (s)
Hoje em dia / as pessoas	0.56
Para nos comunicarmos/ com pessoas	0.13

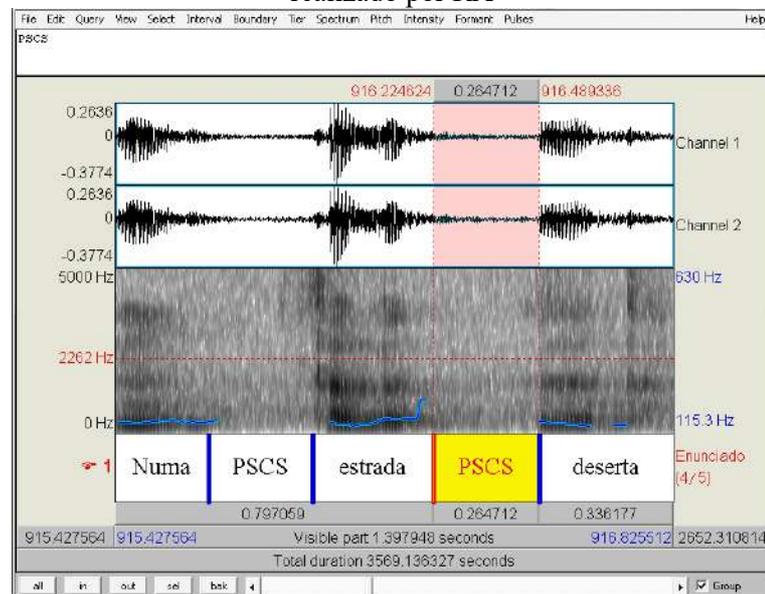
Há também/ computadores	0.24
(Ao) ser puxado / do (pro) chão	0.27
Pela força / (de forte) ventania	0.59
Passeava / com sua moto, sua moto (repetição sem pausa)	0.34
com sua moto, sua moto (repetição sem pausa) / numa	0.17
Numa / estrada	0.18
Estrada / deserta	0.26
Deu / (de) cara	0.17
(De) cara / com passarinho	0.17
E vendo que o bichinho / ainda estava vivo	0.60

Fonte: elaboração própria

Observamos que RA insere uma pausa quebrando um sintagma em duas partes, fazendo com que o bloco de palavras sintaticamente relacionadas e que deveria ser pronunciado de uma só vez seja dividido em dois. Assim RA ao invés de realizar “estrada deserta”, realiza “estrada/ deserta”, separando o substantivo de seu qualificador. Essas pausas em princípio, fogem ao esperado pelo padrão rítmico dos falantes do PB, aja vista que o esperado por falantes dessa língua é colocar pausa entre fronteiras de constituintes sintagmáticos e não dentro de um sintagma, separando os seus constituintes.

A seguir, na figura 5, apresentamos, a título de exemplo, a imagem espectrográfica e sua respectiva forma de onda de um contexto de pausa separadora de constituintes sintagmáticos.

Figura 5 - Imagem espectrográfica e sua respectiva forma de onda do sintagma “numa estrada deserta” realizado por RA



Fonte: elaboração própria via Praat

Na figura 5, observamos a inserção de pausas em lugares não previstos pela língua. Essas pausas fazem uma separação dos constituintes sintagmáticos, fazendo com que haja uma quebra do contínuo da fala. As palavras acima foram escritas como estão no texto. Logo apresentamos a transcrição fonética da produção de RA.

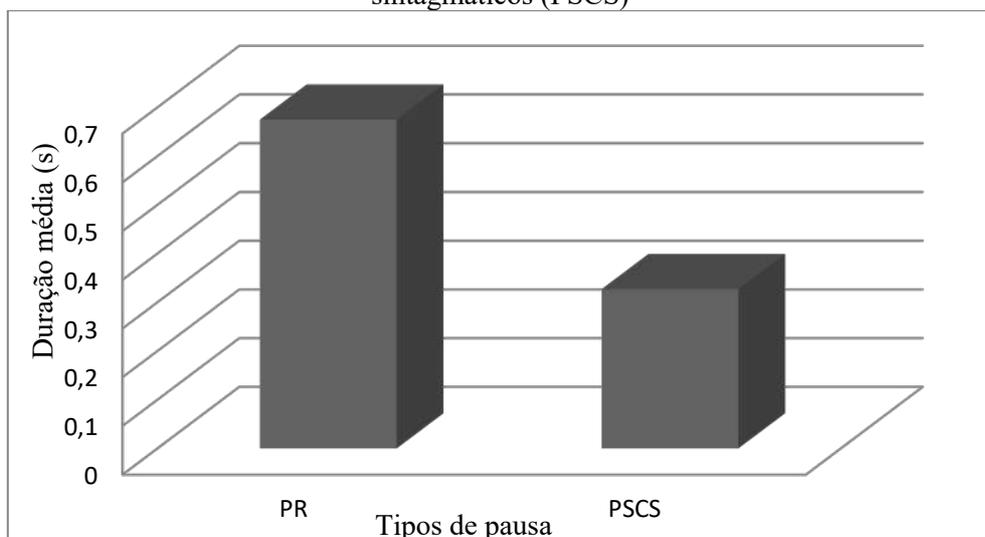
5.2.1.2 Tipos de pausa em relação ao tempo de duração ao serem realizadas

Como mostramos até aqui, as pausas inseridas na fala de RA podem ser na sua grande maioria de dois tipos: as pausas reparadoras e as pausas separadoras de constituintes sintagmáticos. Buscamos nesta seção investigar de que forma essas pausas são distribuídas em sua fala.

Nos dados aqui avaliados, foi catalogado um número maior de pausas separadoras de constituintes sintagmáticos. Como exemplo, apontamos o número de cada tipo de pausa no texto “A comunicação ontem e hoje”, obtido em um livro didático, um texto de apenas três parágrafos curtos⁸. Contabilizamos, nesse texto, 21 PSCS e apenas 4 PR, para um total de 33 pausas. As demais pausas são aquelas produzidas, onde deveriam de fato acontecer.

Contudo, quando vamos avaliar a duração média de cada um desses tipos de pausa, verificamos que elas apresentam durações diferentes entre si, como mostramos no gráfico 2.

Gráfico 2 - Duração média das pausas reparadoras (PR) e das pausas separadoras de constituintes sintagmáticos (PSCS)



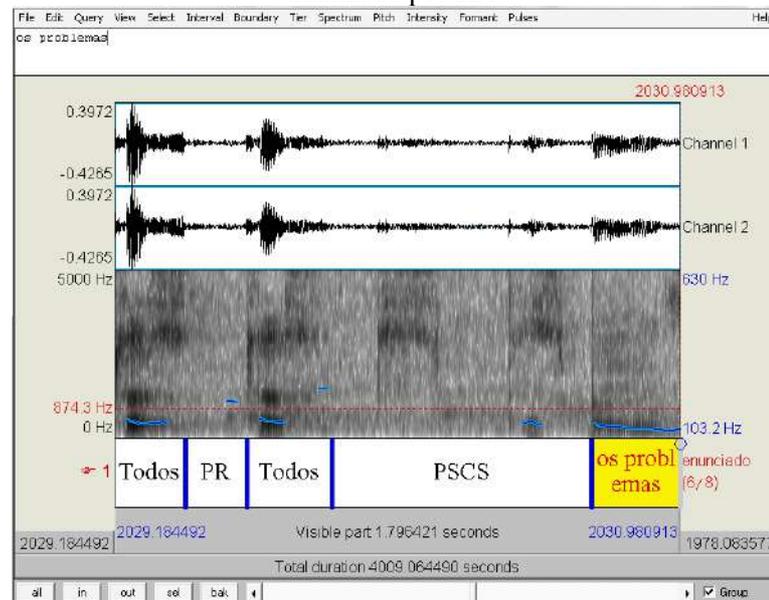
Fonte: elaboração própria

⁸Como mostra anexo 2.

O tipo de pausa de maior incidência é a pausa separadora de constituintes sintagmáticos, porém, como mostra o gráfico 2, o tipo de pausa que apresenta a maior média de duração é a pausa reparadora, em torno de 0,70s, ao passo que a pausa separadora de constituintes sintagmáticos possui uma duração média em torno de 0,40s.

Na figura 6, apresentamos um exemplo, “todos os problemas”, no qual, observamos a ocorrência dos tipos de pausas em uma única frase. Nesse momento, RA produz a pausa separadora de constituintes sintagmáticos com uma maior duração, bem como realiza a pausa reparadora, com menor duração. Isso evidencia uma alternância entre pausas longas e pausas mais breves, de forma que se estabelece um certa cadência temporal.

Figura 6 - Imagem espectrográfica e sua respectiva forma de onda do sintagma “todos os problemas” realizado por RA



Fonte: elaboração própria via Praat

Diante do que acabamos de apresentar, podemos afirmar que RA não só insere pausas de formas aleatórias, mas também as realiza com durações e quantidades específicas. Os tipos de pausas realizados por RA são inversamente proporcionais no que se refere à quantidade e duração dessas pausas. Aquele tipo de pausa que ocorre com mais frequência possui menor duração média e vice-versa. Desta forma, RA garante uma certa cadência em sua fala, apesar da quantidade excessiva de pausas.

5.2.3 Para além das pausas: RA e suas outras estratégias para a implementação de um ritmo

O ritmo é um parâmetro presente na língua fundamental para o funcionamento da linguagem. Assim durante a realização da fala, expectativas de repetição das unidades rítmicas devem ser implementadas, mesmo com um padrão diferente daquele comumente usado em uma comunidade linguística. Partindo desse pressuposto, observamos que RA mantém esse parâmetro em sua fala, mesmo que em um padrão diferente daquele esperado pelo ouvinte. Dessa forma, RA mantém o princípio de repetição apresentado por Cagliari (2007), produzindo, assim, um ritmo fixo, dentre as classificações proposta por Cagliari (2007)⁹.

De que forma RA consegue implementar um ritmo de fala próprio, que a uma primeira vista soa estranho aos ouvidos do ouvinte, mas que depois de um certo tempo de contato com RA não lhe é mais estranho?

As estratégias utilizadas por RA para a implementação de seu ritmo, no sentido de repetição, vão desde as colocações de pausas, como já foi discutido, a eliminação completa de sílabas átonas, como veremos mais adiante.

Essas estratégias utilizadas por RA é uma maneira de atenuar a fala rápida, consequência da disartria, que dentre outros consequências, pode afetar a velocidade de fala do sujeito.

Com vistas a avaliar a velocidade de fala de RA, mensuramos o tempo gasto na produção das palavras antes e depois das pausas separadoras de constituintes sintagmáticos, como mostramos na tabela 3.

Tabela 3 - Duração total das palavras produzidas antes e depois das pausas reparadoras de constituintes sintagmáticos

Pausa separadora de constituintes sintagmáticos	Duração total das palavras produzidas antes da pausa (s)	Duração total das palavras produzidas depois da pausa (s)
peças que (es)tão / (dis)tantes	0.72	0.70
Isso ocorre devido / (ao) desenvolvimento	0.83	0.82
(O) passarinho / e (o) motoqueiro	0.43	0.42
Est(r)ada / deserta	0.35	0.34
Deu / (de) cara	0.34	0.37
Que vinha / voando	0.34	0.35
Computadores / que permitem	0.42	0.43
Envergonhados / por natureza	0.44	0.43

Fonte: elaboração própria

⁹ Classificações apresentadas na seção 3.3, sobre ritmo.

Ao comparamos a duração total gasta na produção das palavras antes e depois da pausa, verificamos que, nas duas situações, temos durações muito próximas, independentemente da quantidade de sílabas que se esperaria nessas construções (cf. tabela 3). Assim, RA gasta, por exemplo, 0.72s para realizar uma sequência como “pessoas que estão” que, pelo padrão silábico do PB, seria composto por 6 (seis) sílabas; e gasta quase o mesmo tempo, 0.70s, para realizar a sequência seguinte “distantes”, supostamente constituída por 3 (três) sílabas apenas.

Nesse sentido, podemos observar que independentemente do número de sílabas que venha a conter num enunciado, RA tende a gastar o mesmo tempo em sua produção. A mesma situação pode ser observada nos demais exemplos apresentados na tabela 3.

O que leva RA a gastar o mesmo tempo na realização de sequências silábicas longas ou breves? Para responder essa pergunta devemos lançar nosso olhar novamente para as pausas separadoras de constituintes sintagmáticos. Nossa hipótese para esse dado é que ao inserir uma pausa entre os constituintes de um sintagma, de forma a separá-lo em duas partes, RA quebra em seu ouvinte a expectativa da completude sintagmática. A maneira de resgatar essa quebra é tornar as sequências que circundam a pausa semelhantes em termos de duração. A duração final na construção do sintagma completo, apesar da pausa, será, no fim das contas, muito próxima daquela realização sem pausa.

Assim, a pausa separa o sintagma em duas partes com durações equivalentes, fazendo com que haja um “equilíbrio duracional” ou um equilíbrio temporal. Para que esse equilíbrio aconteça, RA lança mão de estratégias que permitem que o seu ritmo seja produzido no momento da fala.

Ao inserir uma pausa separadora de constituintes sintagmáticos RA, divide o sintagma em duas partes iguais, mantendo uma expectativa de repetição em momentos esperados em sua fala. Nesse caso, ao produzir certas palavras, ele acaba ora reduzindo, ora alongando, e ora eliminando sílabas ou partes de sílabas presentes em um sintagma.

Entendemos, assim, a pausa separadora de constituintes sintagmáticos como uma pausa compensatória em que RA busca manter um ritmo, uma expectativa de repetição, fazendo com que a organização de suas pausas não ocorra de forma aleatória. Esse ritmo que RA segue em sua fala difere do ritmo proposto pela língua, presente na fala não patológica, como já foi apontado na comparação com o ritmo na fala de JM, porém segue um ritmo próprio.

Para alcançar esse equilíbrio, ou seja, produzir sequências supostamente longas e breves com o mesmo tempo, verificamos que RA lança mão das estratégias abaixo:

a) eliminação de constituintes silábicos

Investigamos a produção articulatória de segmentos que ocupam posições em sílabas com estruturas mais complexas do que CV na fala disártrica de RA. Nesse sentido, acreditamos que a fala de RA passa por um processo de reorganização da linguagem oral ao tentar se recompor diante das dificuldades de linguagem. Ao tentar reorganizar a sua fala, esse sujeito disártrico encontra dificuldades ao estruturar as sílabas no interior das palavras, devido à velocidade de fala ocasionado pela lesão, fazendo com que ocorra eliminação de constituintes silábicos. Essa dificuldade diz respeito à produção de sílabas complexas como CCV, ataques ramificados, e CVC, rimas ramificadas.

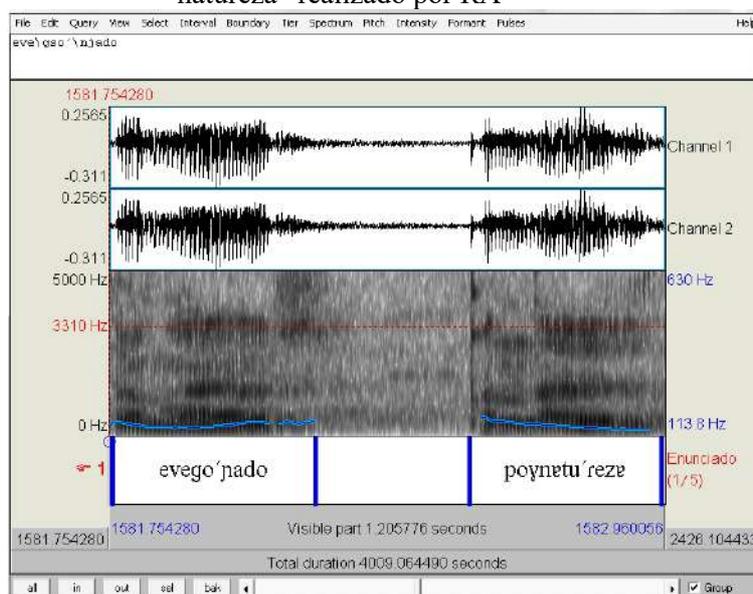
O interesse pelo estudo da sílaba fez com que surgissem várias teorias a seu respeito, buscando explicar a sua estrutura interna. Para explicarmos a alteração nos constituintes silábicos na fala de RA, apresentamos o modelo de sílaba descrito por Selkirk (1982), trazido por Collischann (2001), que considera a sílaba como uma unidade fonológica com uma estrutura interna hierarquicamente organizada.

Esse modelo descreve a sílaba, representada pela letra grega (σ), como uma organização hierárquica constituída por Ataque (A), que pode ser ramificado ou não, e Rima (R), formado por um Núcleo (N) e Coda (Co), quando ramificado. O Núcleo, na Língua Portuguesa, é a posição ocupada pela vogal (V) e que nunca aparece vazio, já o Ataque e o Coda são preenchidos por consoantes (C), podendo aparecer como espaços vazios.

Ao analisarmos os dados de fala de RA, observamos a eliminação de constituintes silábicos. Isso ocorre quando RA busca compensar o tempo de duração durante a segmentação dos constituintes sintagmáticos. Ao dividir o sintagma em partes iguais RA, acaba eliminando ou o ataque ramificado ou o coda, a fim de manter uma “equivalência duracional” entre as partes divididas para manter o ritmo de sua fala.

Ao pronunciar a palavra *envergonhados*, RA, como mostra o espectrograma abaixo, faz a eliminação do coda da segunda sílaba, isso devido à sua velocidade de fala, o que faz com que a palavra seja pronunciada em menos tempo do que o normal.

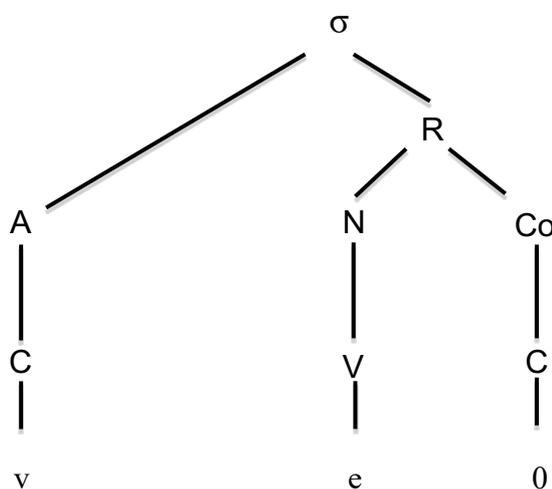
Figura 7 - Imagem espectrográfica e respectiva forma de onda do enunciado “envergonhado por natureza” realizado por RA



Fonte: elaboração própria via Praat

A eliminação do coda pode ser visualizada, conforme modelo de Selkirk (1980), como se segue na figura 8.

Figura 8 - Representação arbórea de eliminação do [ɣ] de coda na sílaba [veɣ] da palavra envergonhados realizada por RA



Fonte: elaboração própria

Na estrutura acima a posição de coda não foi preenchida por RA. Dessa forma, o que era uma sílaba CVC foi produzida como uma sílaba CV.

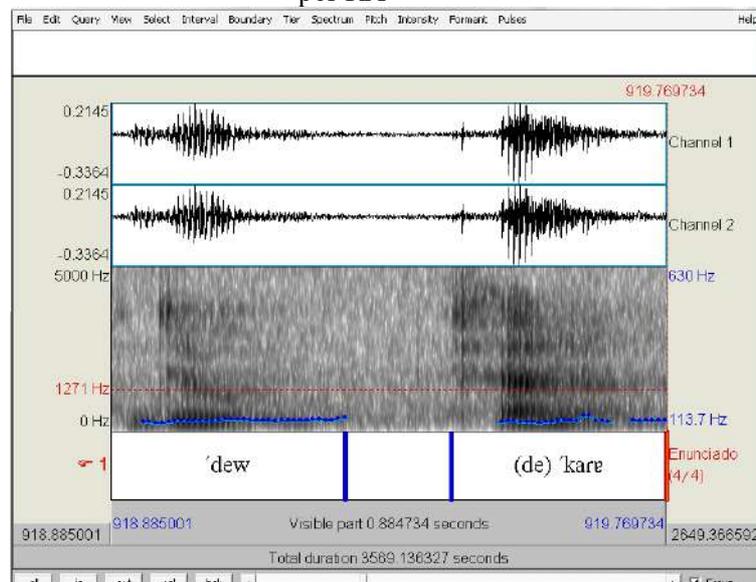
b) eliminação de sílabas átonas

A sílaba pode ser produzida com uma intensidade acústica, chamada de tonicidade, que varia de acordo com o contexto em que está inserido, sendo, assim, classificada como tônica ou átona, a depender de onde recai o acento silábico. Conforme Camara Jr (2011), o acento “É uma força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas.” (CAMARA JR, 2011, p. 63)

As sílabas de maior intensidade acústica, quando relacionadas entre si, são chamadas de sílabas tônicas ou acentuadas. Enquanto que as sílabas átonas ou não-acentuadas são as sílabas de menor intensidade e podem ser pretônicas ou postônicas.

Na fala de RA, como normalmente acontece com o sujeito não-patológico, o ritmo é mantido a partir da relação entre sílabas átonas e tônicas, dentre outros parâmetros. No entanto, em determinados momentos de sua fala, para manter o seu ritmo, RA elimina sílabas átonas, pretônicas ou postônicas. Isso ocorre, como alternativa utilizada no funcionamento de sua linguagem para compensar a duração das partes do sintagma dividido, pois, para que haja uma equivalência entre elas, é preciso que apresentem, aproximadamente, o mesmo tempo de duração e número de sílabas. Como mostra o espectrograma abaixo.

Figura 9 - Imagem espectrográfica e respectiva forma de onda do enunciado “deu de cara” realizado por RA



Fonte: elaboração própria via Praat

Ao falar o sintagma *deu de cara*, RA realiza uma segmentação fazendo com que ambas as partes apresentem, praticamente, o mesmo número de sílabas e tempo de duração.

Para isso, ele elimina a sílaba átona *de*, produzindo *deu / cara*, mantendo assim o princípio de repetição.

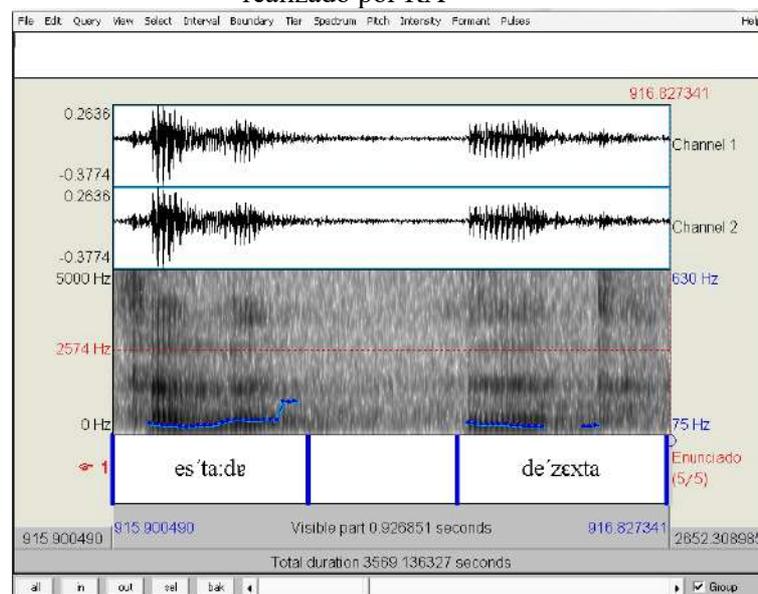
c) alongamento compensatório

Estudos fonéticos apontam que a duração de um segmento é fortemente influenciada pelo contexto em que determinado segmento está inserido, ou seja, de acordo com Fower (2001), citado por Pacheco (2004), “[...] os segmentos são produzidos de forma integrada e sofrem influência de segmentos adjacentes.” (PACHECO, 2004, p.01) Além disso, outros fatores que influenciam a duração segmental são ponto e modo de articulação e o vozeamento dos segmentos adjacentes.

Segundo Pacheco (2004), quando a sílaba recebe segmentos, uma forma de compensar esse acréscimo é reduzir a duração da vogal. Entendemos então, que no caso de RA, na patologia de linguagem, essa compensação ocorre de forma inversa, quando a sílaba perde um segmento ocorre um alongamento além do esperado na duração da vogal, para compensar o tempo total da sílaba ou mesmo da palavra, para assim manter o ritmo de sua fala.

Observamos por meio da tabela 3 que RA, através da pausa divide, o sintagma “estrada deserta” em duas partes aproximadamente iguais, a primeira com a duração de 35s e a segunda de 34s, para que o ritmo de sua fala obedeça ao princípio da língua descrito por Cagliari (2007) como princípio de repetição, quando as pausas apresentam duração e local equivalentes, como mostra a figura abaixo.

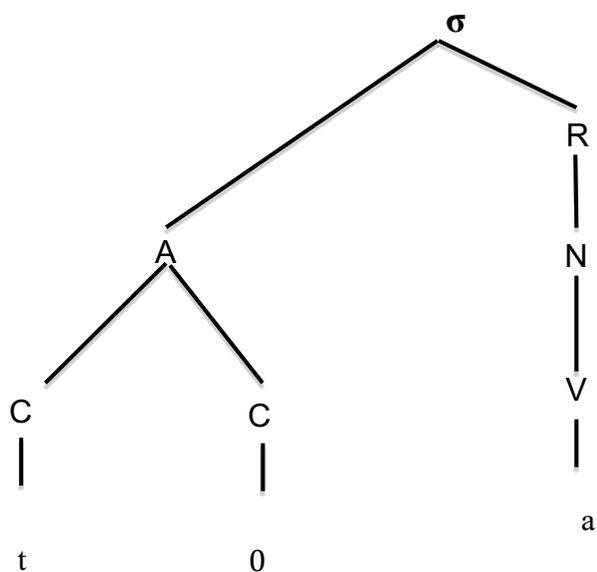
Figura 10 - Imagem espectrográfica e respectiva forma de onda do enunciado “estrada deserta” realizado por RA



Fonte: elaboração própria via Praat

A eliminação do ataque ramificado da sílaba [tra] observada na fala de RA é esquematizada na figura abaixo:

Figura 11 - Representação arbórea de eliminação do [r] de ataque ramificado na sílaba [tra] da palavra estrada realizada por RA



Fonte: elaboração própria

No espectrograma, observamos que a palavra estrada foi pronunciada com a eliminação do segmento [r], o que fez com a vogal [a] fosse pronunciada de forma mais demorada, ocorrendo assim um alongamento da vogal, indicado pelo espectrograma na figura 11, pelo símbolo (:). RA utiliza esse recurso de alongamento vocal para compensar a redução da estrutura da sílaba, que antes era CCV passando a ser produzida como CV.

É possível observar que ambas as estratégias utilizadas por RA apresentam o mesmo objetivo, manter o padrão rítmico de sua fala, mesmo sendo um padrão diferente do proposto pela língua.

CONCLUSÃO

A partir do percurso feito nos estudos sobre patologias de linguagem, percebemos a importância da Neurolinguística Discursiva no que diz respeito aos avanços nesses estudos adquiridos com base em uma perspectiva discursiva da linguagem. Essa perspectiva dá ao investigador possibilidades de, por meio do acompanhamento longitudinal, analisar e interpretar os dados obtidos através de situações significativas com sujeitos cuja linguagem apresenta desorganização.

Nesse sentido, observamos que a ND afasta-se da tradição afasiológica que enxerga o sujeito apenas como objeto de estudo, não permitindo que este sujeito expresse a sua subjetividade na linguagem. Com isso, entendemos que para avaliar a fala de um sujeito não é preciso se apoiar em testes metalinguísticos, mas sim inseri-lo em situações dialógicas que façam sentido.

No que diz respeito às questões de linguagem, verificamos a importância de se observar uma relação de interdependência entre língua e fala, anteriormente separada por Saussure (1916), por meio de uma dicotomia, um recorte teórico. É importante salientar que Saussure não exclui a fala, mas sim escolhe, por meio de um ponto de vista, a língua como objeto de estudo. No entanto, para a Neurolinguística é de fundamental importância colocar a fala em relação com a língua para então observar e investigar a linguagem em funcionamento nas patologias estudadas pela Neurolinguística. Outro ponto abordado por Saussure (1916) e discutido nessa dissertação diz respeito às relações associativas, quando a língua permite a possibilidade de seleção e substituição no eixo associativo, fazendo com que o sujeito falante lance mão de escolhas ao assumir o seu papel de sujeito de linguagem.

Percebemos, por meio de uma breve abordagem sobre os estudos em prosódia, a importância desses estudos para a investigação da linguagem. Observamos a necessidade de olharmos para a prosódia como um fenômeno linguístico, que deve ser descrito e analisado a partir de uma metodologia de pesquisa que se apoia nos pressupostos da Linguística enquanto ciência.

Apresentamos nesta dissertação a linguagem em funcionamento na disartria a partir de um ponto de vista linguístico, já que a maioria dos trabalhos que abordam essa patologia de linguagem, caracterizam-na como alterações decorrentes de lesões motoras. Acreditamos que a perda linguística causada pela disartria pode ser observada como uma consequência direta de um traumatismo cranioencefálico, por ser um seqüela, que compromete o funcionamento da linguagem, proveniente de uma lesão difusa.

A partir do ponto de vista linguístico, defendemos que a disartria compromete a linguagem oral em funcionamento no sujeito RA, como apontaram os dados, em particular o padrão ritmo, quando RA insere um número de pausas além do que é esperado pela língua, o que afeta de forma direta a velocidade de sua fala, que é acelerada. Com isso, a duração sintagmática fica comprometida, pois tende a ter um tempo menor devido à sua velocidade, quando comparado ao padrão da língua.

No que diz respeito à análise dos dados, verificamos que o funcionamento da linguagem verbal de RA é caracterizado por alterações rítmicas que interferem na compreensão por parte dos interlocutores. Essas alterações dizem respeito, mais especificamente, ao número e local em que essas pausas acontecem. As análises apontam as alterações rítmicas como consequência da velocidade de fala e do uso incorreto de pausas. Isso prejudica de forma significativa a estrutura interna das palavras, em especial das sílabas, quando são pronunciadas de forma rápida. Como consequência da velocidade de fala, RA produz repetições como alternativa de correção e retomada de sua fala.

Essas questões, conforme demonstrado nas análises dos dados, corroboram nossa hipótese de que: *a disartria afeta a linguagem oral em funcionamento do sujeito RA, especificamente o padrão rítmico, a saber, excesso de colocação de pausas e duração sintagmática alterada, tornando a fala acelerada. A velocidade de fala de RA sofre alterações em decorrência das inserções de pausa, que segundo nossa hipótese são pausas colocadas de forma a dividir os enunciados em duas partes com durações próximas, uma espécie de “equilíbrio duracional”*.¹⁰

Investigamos, então, os aspectos linguísticos na linguagem oral de RA, com vistas a compreender o funcionamento de sua linguagem. Dessa forma, observamos a importância de práticas discursivas para a reorganização lexical na fala de RA. Nesse momento, foi de fundamental importância a intervenção do investigador como mediador entre o sujeito e a retomada de sua linguagem em situações de dificuldades linguísticas. Nesse caso, apesar dessas dificuldades, RA mantém o diálogo e a sua posição de interlocutor. Dessa forma, o investigador contribui para o processo de reorganização da linguagem, o que comprova a importância do acompanhamento longitudinal como procedimento metodológico.

Assim, o sujeito com patologias de linguagem, apesar das dificuldades, se comunica, também se constitui pessoalmente através da enunciação, já que é por meio desta

¹⁰Hipótese apresentada na introdução desta dissertação

que o sujeito coloca a língua em funcionamento. A ND aponta o sujeito com disartria como um sujeito de linguagem que assume, assim, a sua subjetividade social e/ou individual.

Dentro desta perspectiva, o sujeito se coloca no mundo por meio da linguagem: fala, sem ser falado pelo outro, como, infelizmente, acontece na maioria dos casos em que alguém (um cuidador, por exemplo) intervém apontando: ele quer dizer isso ou ele disse isso... Assim é pela linguagem que esse sujeito se insere no mundo, participando de situações comunicativas que fazem sentido para ele no seu dia-a-dia. Dessa forma, a linguagem se apresenta como mediadora entre sujeitos com patologias de linguagem e o mundo em que vivem.

Consideramos a importância das práticas discursivas para a reorganização da linguagem em meio às patologias de linguagem. A partir dessa afirmação, entendemos que, para o desenvolvimento desse estudo, foi e é de fundamental importância o trabalho que desenvolvemos no ECOA. Trabalhamos juntos como um grupo que preza pelo sujeito, pela linguagem e pela convivência, o que torna possível uma troca mútua, entre sujeito(s) e investigador(s), de experiências, conhecimentos, e particularidades de que são constituídos cada um dos que dali fazem parte.

Dentro deste trabalho podemos destacar também as reuniões individuais, quando cada investigador trabalha individualmente com um sujeito. É nesse momento que podemos enfatizar, de maneira particular para esta dissertação, o trabalho realizado com RA. Um jovem persistente, que, em meio às voltas que a vida dá, nunca desistiu de seus sonhos. Apesar das dificuldades, RA sempre se manteve confiante, nos incentivando a cada dia nos capacitar para ajuda-lo em meio às dificuldades.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. Fonologia: a gramática dos sons. Santa Maria. **Letras**, jan./jun. 1993.
- ANDRADE, M. L. F. Neurolinguística Discursiva: alguns pressupostos teóricos e metodológicos. **Web Revista Discursividade**. Edição 07 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/07/Arquivos/03%20Mara.pdf> Acessado em: setembro de 2014.
- ANNUNCIATO, N.F. Plasticidade Neuronal e Reabilitação. In: DAMASCENO, B.P.; COUDRY, M.I.H. (Eds.). **Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística. Série de Neuropsicologia**. Vol. 4. Campinas, SP: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, SBNp, 1995, p. 63-74.
- ANNUNCIATO, N. F.; OLIVERIRA C. E. O. **Influência das Terapias sobre os processos Plásticos do Sistema Nervoso**. NEDA-BRAIN, s.d.
- AUROUX, S. **Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2009.
- BALIEIRO JR., A. P. **O sujeito que se estranha**: manifestações de subjetividade na afasia. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: [s.n.], 2001.
- BARBOSA, P. A. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. **Revista Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 11-27, Jan./jun. 2012.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. (Tradução Maria da Glória Novak e Maria LuizaNeri) Campinas, S.P.:Pontes, 1966. (Edição consultada 2005).
- _____. **Problemas de Lingüística Geral II**. (Tradução Eduardo Guimarães) Campinas, S.P.:Pontes, 1974. (Edição consultada: 2006)
- BISOL, L. Os Constituintes Prosódicos. In: Bisol, L. (Org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª edição, Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p.229-241.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de estudos lingüísticos**, Campinas, n. 23, jul./dez. 1992, p. 137-151.
- _____. L. C. **Dossiê Prosódia**. 2002.
- _____. L. C. Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_7_entrevista_cagliari.pdf Acessado em: fevereiro de 2014.
- _____. L. C. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

_____. L. C. Prosódia: ontem e hoje. In: FONSECA-SILVA, M. C.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. (Org). **Em torno da língua(gem):** questões e análises. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 15-40.

CAMARA JR, J. M. **Princípios de Lingüística Geral:** Como Introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa. 5ª Ed, Padrão Livraria Editora, Rio de Janeiro, 1980.

_____. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 43 ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2011.

COLLISCHONN. G. A sílaba em Português. In: BISOL, L. **Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro.** Porto Alegre: EPIPUCRS, 1996, p. 91-123.

COUDRY, M. I. H (1986/88). **Diário de Narciso:** Discurso e Afasia. São Paulo: Martins Fontes.

_____. M. I. H. Neurolingüística e lingüística. . In: DAMASCENO, B.P.; COUDRY, M.I.H. (Eds.). **Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística. Série de Neuropsicologia.** Vol. 4. Campinas, SP: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, SBNp, 1995, p. 12-19.

_____. M. I. H. O que é o dado em neurolingüística? In: CASTRO, M.F.P. (Org.) **O método e o dado no estudo da linguagem-** Campinas, SP: Editora da Unicamp, (Coleção repertórios), 1996, p. 179-184.

_____. M. I.H. Neurolingüística Discursiva:afasia como tradução. **Estudos da Língua(gem),** Vitória da Conquista, v.6, 2008, p. 07-36.

COUDRY, M. I.H.; FREIRE, F.M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolingüística Discursiva (ND). In. COUDRY M. I. H.; *et al.*, **Caminhos da Neurolingüística Discursiva:** teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 23-48.

COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos,** n. 5. Campinas, IEL/UNICAMP, 1983, p. 99-109.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DAMASCENO, B. P. Neuropsicologia e Neurolingüística. **Cadernos de Estudos Lingüísticos,** n. 32. Jan/Jun. Campinas, IEL/UNICAMP, 1997, p. 87- 92.

DEFFANTI, L. B. Influências das questões cérebro/mente na afasiologia. **Web Revista Discursividade.** Edição 07 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/07/Arquivos/02%20Breno.pdf> Acessado em março de 2014.

DIEZ, A. G. **Segredos da Bahia: história.** São Paulo: FTD, 2001, p.121-122.

FEDOSSE, E. **Processos alternativos de comunicação de um poeta afásico.** Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s.n.], UNICAMP, 2008.

FELIZATTI, P. **Aspectos fonético-fonológicos da disartria pós-traumática: um estudo de caso.** Dissertação de Mestrado. Campinas: Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1998.

FRANCHI, C. (1977) Linguagem – atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 22, Jan./Jun. Campinas: IEL/Unicamp, 1992, p. 9-39.

FREIRE, F. M. P. **Agenda Mágica: linguagem e memória.** Tese de Doutorado. Campinas: Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ILIOVITZ, E. R. VOTE Disartria: alguns resultados preliminares. **Revista Estudos Linguísticos**, XXXIII, 2004, p.1329- 1334.

ISHARA, C. **A-F-A-S-I-A: um sujeito em cena.** Tese de Doutorado. Campinas: Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2008.

KAGAN, A.; SALIN, M. M. **Uma introdução à Afasiologia de Luria: teoria e explicação.** Trad. Débora Pita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LEBRUN, Y. **Tratado de Afasia.** São Paulo: Paramed Editorial, 1983.

LEMONS, D. C. H. **Disartria.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1984.

LURIA, A.R. **Fundamentos de Neuropsicologia.** Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, S.A.. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. (Edição consultada: 1981).

LYONS, J. **Língua(gem) e Lingüística: uma introdução.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

MELLE, N. **Guía de intervenciónlogopédica em la disartria.** Madrid: Editorial Sintesis, 2007, p.13-14.

MIRA MATEUS, M. H. Estudando a Melódia da Fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. **Encontro sobre o Ensino das Línguas e a Linguística APL e ESSE de Setúbal** 27 a 28 de Setembro de 2004.

MORATO, E. M. Neurolingüística. In: MUSSALIM, F.; A. BENTES, A. C. (orgs.). (Org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras.** 1 ed. São Paulo: Cortez, v. 2, 2001, p. 143-170.

MURDOCH, B. E. **Disartria: uma abordagem fisiológica para avaliação e tratamento.** São Paulo: Editora Lovise, 2005, p. 17.

PACHECO, V. Leitura e Prosódia: o caso dos sinais de pontuação. In: FONSECA-SILVA, M. C.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. (Org). **Em torno da língua(gem): questões e análises.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 41-69.

_____. V. **O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção de marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do Português do Brasil.** Tese de Doutorado. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

_____. V. **Micro-prosódia segmental e estrutura silábica: o caso das oclusivas - dados preliminares -**. Inventário (UFBA), v. 3, 2004, p. 04-14. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/> Acessado em janeiro de 2015.

PEREIRA, C. Q. Processamento Auditivo: uma reflexão crítica. In: COUDRY M. I. H.; *et al.*, **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 189-217.

POSSENTI, S. **Discurso, Estilo e Subjetividade.** São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 35.

RODRIGUES, N. **Neurolinguística dos distúrbios da fala.** São Paulo: Cortez: EDUC, 1989, p. 219.

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala.** Tese de Doutorado. Campinas: Departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

_____. N. F. S. A Convivência com a Afasia na Comunidade de Fala CCA. In. COUDRY M. I. H.; *et al.*, **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 49-67.

SAMPAIO, N. F. S.; *et al.* O Impacto da Afasia na Vida do Afásico e da sua Família. Anais do **X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico**, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/view/3274/2976>: Acessado em junho de 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** 27. ed. São Paulo: Cultrix, 1916. (Edição consultada: 2006)

VIEIRA, J.M. **Para um estudo da estruturação rítmica na fala disártrica.** Tese de Doutorado. Campinas: Departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2007.

ANEXOS 1



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística
 Campus: Vitória da Conquista, Estrada do Bem-querer km 04, s/n, Zona Rural
 Tel. (77) 3425-9395
 CEP: 45.083-900 – Vitória da Conquista – Bahia – Brasil

(O presente termo em atendimento à Resolução 466/2012, destina-se a esclarecer ao participante da pesquisa)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um projeto de pesquisa chamado “A Linguagem em Funcionamento na Disartria e seus Aspectos Linguísticos” desenvolvida com sujeito com Disartria.

Ao trabalhar com você gostaríamos de informar, primeiramente, que sabemos que esta patologia da linguagem trata-se de um problema que afeta o cérebro, desencadeando dificuldades relacionadas principalmente na fala, e por isso estamos cientes que poderá haver dificuldades no seu acompanhamento.

O trabalho visa investigar a linguagem em funcionamento de um sujeito com Disartria em meio a efeitos característicos de uso social da linguagem. Esse trabalho será realizado em um período de aproximadamente um ano e meio, e será feito por meio de sessões de uma hora e meia, realizadas uma vez por semana, com a participação do pesquisador e você, informante. Para isso, utilizaremos atividades que tem como objetivo inserir você em situações comunicativas que fazem sentido, isto é, em um contexto

Para coleta de dados, serão selecionados diversos textos para leitura, dentre eles fábulas, histórias em quadrinhos, piadas, revistas, músicas, atividades de jogos, narração de história de vida, dentre outras atividades.

As gravações serão realizadas no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Os custos dos encontros são responsabilidades do pesquisador, sendo a pesquisa desenvolvida por meio de um financiamento próprio.

Esclarecemos que não será usado nenhum tipo de procedimento que envolva risco e prejuízo a você, de modo que durante a coleta de dados caso você se sentir desconfortável em alguma situação poderá interromper a qualquer momento a sessão, sendo necessário apenas nos comunicar. Trabalhamos para que a pesquisa não desenvolva riscos ou desconforto para os participantes. No entanto, é possível que o sujeito disártrico não consiga melhoras significativas em sua linguagem, sentindo-se frustrado, pois, por se tratar de uma seqüela cerebral, alguns autores consideram difícil a reversão do quadro. Salientamos que temos a

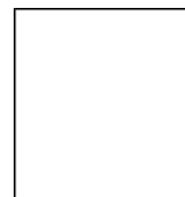
responsabilidade de prestar todos os esclarecimentos necessários durante o curso desses encontros para desenvolvermos a referida pesquisa. São garantidos sigilo e privacidade de todas as informações confidenciais colhidas durante a pesquisa.

Cabe esclarecer que é garantida a você a liberdade de se retirar do projeto por motivos de sua vontade, não sendo previsto quaisquer formas de ressarcimento ou indenização de quaisquer despesas decorrentes da participação no projeto.

Eu, _____, aceito livremente participar do estudo intitulado “A Linguagem em Funcionamento na Disartria e seus Aspectos Linguísticos” desenvolvido pela pesquisadora Daniela Pereira de Almeida Ruas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Nome do Participante

Polegar direito
do participante



Nome da pessoa ou responsável legal

COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu discuti as questões acima apresentadas com o participante do estudo e seu responsável legal. É minha opinião que o indivíduo entenda os riscos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.

_____ Vitória da Conquista, Data: ___ / ___ / ___

Daniela Pereira de Almeida Ruas (Pesquisador)

(danidpda@mail.com)

Fone: (77) 99233804 / (77) 88630597

Comitê de Ética em Pesquisa

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho s/n

Bairro: Jequezinho **CEP:** 45.206-510

UF: BA

Município: Jeque

e-mail: cepuesb.jq@gmail.com

Telefone: (73) 3525-6683

Fax: (73) 3528-9727

ANEXO 2

Texto: A comunicação ontem e hoje¹¹

Hoje em dia, as pessoas têm condições de saber tudo o que se passa em seu meio e no mundo. Além disso, podem também comunicar-se facilmente com pessoas que estão distantes. Isso ocorre devido ao desenvolvimento dos diversos meios de comunicação.

Tomamos conhecimento de fatos, acontecimentos e realizações através do rádio, da televisão, dos jornais, das revistas e dos livros.

Para nos comunicarmos com pessoas distantes, os meios mais comumente utilizados são o telefone, o fax e os serviços de correios. Há também os computadores via modem, pela internet, por exemplo.

¹¹ DIEZ, A. G. **Segredos da Bahia: história**. São Paulo: FTD, 2001, p.121-122.

ANEXO 3

Texto: O passarinho e o motoqueiro¹²

Um motociclista passeava com sua moto numa estrada deserta quando, inesperadamente, deu de cara com um passarinho que vinha voando em sentido contrário. Tentou esquivar-se, mas não conseguiu, e o bichinho acabou batendo de raspão no seu capacete.

Ele parou a moto e vendo que o bichinho ainda estava vivo, apesar de inconsciente, levou-o para sua casa, colocou-o numa gaiola e cuidou bem dele, pois era um veterinário muito experiente com aves.

Dois dias depois o passarinho recupera a consciência e, ao despertar, vendo-se cercado pelas grades da gaiola, pergunta para o passarinho de uma das várias gaiolas ao lado da sua:

- Onde estou?

- Você está num presídio, responde o outro, e já emenda uma pergunta: – Qual foi a sua “bronca”?

¹² Disponível em: <http://bibliacomentada.com.br/index.php/o-passarinho-e-o-motoqueiro/> Acessado em: fevereiro de 2014.

ANEXO 4

Fábula: O Carvalho e os Juncos¹³

Um enorme carvalho, ao ser puxado do chão pela força de forte ventania, rio abaixo é levado pela correnteza. Arrastado pelas águas, ele cruza com alguns Juncos, e em tom de pranto exclama:

Gostaria de ser como vocês, que de tão delicados e esguios, não são de modo algum afetados por estes fortes ventos.

E Eles responderam:

Você competiu e lutou com o vento, por isso mesmo foi destruído. Nós ao contrário, nos curvamos, mesmo diante do mais leve sopro da brisa, e por esta razão permanecemos inteiros e a salvo.

Autor: Esopo

Moral da História: Para vencer os mais fortes, não devemos usar a força, mas antes disso, inteligência e humildade.

¹³ Disponível em: <http://jcnoticias.com.br/postagem?id=28278&cat=216> Acessado em: fevereiro de 2014.

ANEXO 5

Fábula: As Lebres e as Rãs¹⁴

As lebres, animais envergonhados por natureza, sentiam-se oprimidas com tanto acanhamento. Como viviam, todo o tempo, com medo de tudo e de todos, cansadas, decidiram dar um fim às suas angústias.

Então, decidiram acabar com às suas vidas. Concluíram que assim resolveriam todos os seus problemas. Combinaram então que se jogariam do alto de um montanha, para as profundas e escuras águas de um lago.

Assim, quando correm para a montanha, várias Rãs que descansavam escondidas pela grama à beira do mesmo, tomadas de medo ante o barulho de suas pisadas, desesperadas, pulam na água, em busca de proteção.

Ao ver o medo que sentiam as Rãs em fuga, uma das Lebres disse às amigas:

Não mais devemos fazer isso que combinamos minhas amigas! Sabemos agora, que existem seres mais medrosas que nós.

Autor: Esopo

Moral da História: Julgar que nossos problemas são os mais importantes do mundo, não passa de ilusão.

¹⁴ Disponível em: <http://blogdocrato.blogspot.com.br/2012/07/leia-e-reflita-por-maria-otilia.html> Acessado em fevereiro de 2014.